

Tribuna Operária

Nº 16, ANO I, DE 14 A 28 DE JUNHO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

GOVERNO DA FOME DOBRA OS PREÇOS: INFLAÇÃO DE 100%



Araguaia de luto pelo líder camponês que os grileiros mataram. Página 4

Resposta ao crime é protesto de 4 mil

Números provaram. Combate de Figueiredo-Delfim à alta dos preços falhou em toda linha. Crise ameaça trabalhadores com demissões em massa.

Americanos querem mandar sem intermediários na nossa economia. Dívida externa de 56 bilhões de dólares serve para FMI praticar chantagem.

Governo vende-pátria quer capitular. Situação de emergência. Governante incompetente tem que deixar o poder. Esta a exigência do povo.

Pág. 8.

Editorial

Militares rasgam a máscara

Durante 16 anos de regime militar, apesar da violência fascista, o povo brasileiro manteve bem alto a bandeira da luta pela liberdade. Os generais, isolados, para manter o poder falam em abertura e manobram, alterando suas formas de governo.

Apesar de vestido com roupa nova, o regime mantém a sua orientação político-econômica. Com isto, ao contrário das promessas de Delfim Netto, a inflação cresce cada vez mais, atingindo nos últimos 12 meses o índice de 94,7%. O custo de vida torna-se insuportável para a grande maioria dos brasileiros.

Diante do descontentamento generalizado, os militares rasgam a máscara da abertura e investem contra as conquistas democráticas, mostrando a sua verdadeira face de inimigos jurados da liberdade. Não vacilam em empregar a violência quando está em jogo o seu monopólio de poder e sua orientação atrelada às multinacionais. Diversos lutadores do povo voltam a ser processados pela famigerada Lei de Segurança Nacional. Depois da conquista da anistia, os cárceres podem se encher novamente de presos políticos.

Como nos tempos do Ato Institucional nº 5, diversos parlamentares estão ameaçados de cassação. E vários sindicatos voltaram a sofrer intervenção. O povo não se conforma com tais medidas. Crescem em todos os setores as manifestações contra o arbítrio. Cada vez se torna mais difícil para as

autoridades aparecer em público. O povo manifesta sua repulsa ao regime com vaias estrondosas, cada vez maiores e mais freqüentes. A classe operária mostra a cada dia sua disposição de luta e prepara-se para assumir seu papel de vanguarda. Os camponeses, como ocorre nestes dias na região do Araguaia, também fortalecem suas fileiras. Estudantes, intelectuais progressistas, setores significativos da Igreja, políticos combativos, personalidades democráticas, todos manifestam seu repúdio ao regime militar e suas arbitrariedades.

Na luta que se alastra pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte vão se tornando cada vez mais claras as condições para a sua convocação. A Constituinte seria convocada nos marcos do atual regime? Não. Somente um governo provisório, representativo das forças democráticas e das forças de unidade popular teria condições reais para realizar eleições livres e eleger uma Assembleia Constituinte soberana. Por trás desta questão, no dizer de influente liderança democrática no Senado, está a "causa maior de tudo": o controle absoluto que os militares exercem sobre a vida política do país. Compreende-se cada vez mais a necessidade de quebrar o monopólio de poder dos generais, e colocar nas mãos de todos os setores populares e democráticos a responsabilidade de construir um regime de mais ampla liberdade política.

Liquidar o regime militar é um anseio geral. Reforçar e ampliar a luta popular é o caminho que pode levar à vitória!



Portugal: comunistas falam do 25 de Abril

Página 5

Raízes da traição da China ao socialismo

Página 5

UNE: um ano de ação

Página 3



TO: pelo Governo Democrático e de Unidade Popular

Tribuna Operária debate na Bahia

Salvador, BA — A campanha de assinaturas e finanças da *Tribuna Operária* foi lançada dia 31 de maio em Salvador, com a presença de 400 pessoas, que participaram de um debate sobre a proposta de um "Governo Democrático e de Unidade Popular".

A mesa, composta pelos diretores da *TO* Rogério Lustosa e Olívia Rangel, o ex-preso político Haroldo Lima e Enio Lins, da *TO* de Alagoas, propôs como tarefas imediatas a formação de grupos de apoio ao jornal em todos os setores, a expansão do jornal a novas áreas e o levantamento de fundos para aumentar sua tiragem.

Após uma rápida avaliação da situação nacional e das lutas populares, com o avanço da classe

operária, Rogério Lustosa ressaltou a necessidade de destruir o monopólio do poder da ditadura, a conquista de amplas liberdades políticas, a convocação de uma Assembleia Constituinte e a instauração de uma nova ordem econômica e social no país.

O diretor da *TO* afirmou que se deve buscar a articulação conjunta das organizações populares, mantendo sempre estreitas relações com outros setores oposicionistas, no sentido da formação de uma frente democrática e de unidade popular. O debate dessa proposta, muito acalorado e rico, mostrou a oportunidade de novas discussões, por contribuírem para o aprimoramento político de todos. (da *Sucursal*)

Secundaristas não aceitam extorsão

Salvador, BA — Os secundaristas de colégios particulares desta capital, em assembleia com 540 participantes, lançaram um abaixo-assinado contra um novo aumento nas mensalidades, já reajustadas ilegalmente em 53,6% no início do ano — quando o aumento permitido pelo MEC foi de 23% —, além de apoiarem o movimento salarial dos professores e exigirem mais verbas para a educação.

Tentando jogar alunos contra professores, os colégios anunciaram que terão de repassar o reajuste salarial para as mensalidades. Mas os estudantes não caíram na arapuca, e entregarão o abaixo-assinado no fim do mês, em um ato público diante da delegacia do MEC. (da *Sucursal*)

Latifundiários tentam tomar sindicato rural

Salvador, BA — Os trabalhadores rurais de Palmas de Monte Alto estão a espera de uma nova data para a fundação de seu sindicato, adiada devido à tentativa dos latifundiários locais de tomarem a entidade para si, através de uma chapa composta apenas por fazendeiros!

No dia da votação, 17 de maio, os fazendeiros enviaram caminhões com centenas de camponeses, que nem sabiam ao certo do que se tratava, para derrotarem a chapa emcabecada por Antonio de Lima, destacado líder da região. A FETAG, presente à eleição, advertiu porém que patrões não poderiam dirigir um sindicato de trabalhadores e que a chapa dos fazendeiros não poderia ser eleita, suspendendo a votação. (da *Sucursal*)

Pacto contra a demissão

São Bernardo, SP — Quando voltaram ao trabalho, depois da greve de abril/maio, os ferramenteiros da Ford fizeram um pacto de solidariedade: se qualquer companheiro fosse demitido, a seção ia parar. Dito e feito: dia 31 de maio, quando correu a notícia da dispensa de um operário da seção, as máquinas pararam por uma hora e meia, e os ferramenteiros exigiram a readmissão imediata do companheiro.

Apesar de suas solenes promessas de que não haveria demissões, os patrões já dispensaram milhares de trabalhadores, vingando-se da derrota política e moral que sofreram na greve. Mas os operários do ABC, mesmo com as baixas, afirmam: o troco virá a galope...

BH: chapa 2

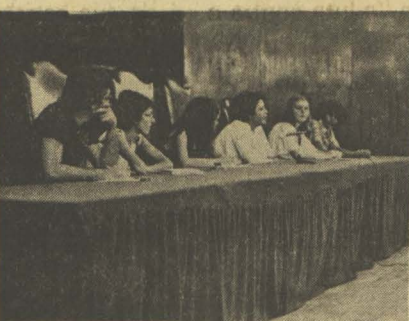
Belo Horizonte, MG — Os pelegos que ocupam o Sindicato dos Comerciantes de Belo Horizonte poderão ser desalojados nas eleições de 28 de julho a 1º de agosto pela Oposição Sindical, a chapa 2 — Renovação, surgida na greve da categoria de julho/agosto do ano passado.

A chapa 2, que enfrenta diversas dificuldades e manobras dos pelegos, que tentam impugnar quatro de seus membros, está criando comitês de apoio nos bairros, para discutir com os comerciantes. O programa da Renovação prevê a criação de comissões de loja, delegados sindicais, autonomia e liberdade sindicais, melhores salários, jornada de 40 horas semanais e melhores condições de trabalho. (da *Sucursal*)

Polícia invade terra do povo

Itapicuru, BA — A polícia desta cidade, fortemente armada, invadiu dia 29 de maio as terras de cerca de 50 famílias de posseiros, destruindo seus casebres, cercas e plantações, depois que o juiz da comarca deu ganho de causa ao grileiro Agnaldo Cesar num processo pela área.

Os posseiros, que vivem há 100 anos na região, denunciaram o caso à FETAG, que mobilizou seus advogados para anular a decisão do juiz. Os trabalhadores advertiram porém que não estão dispostos a perder suas terras, e que resistirão de todos os meios para garanti-las. (do *Correspondente*)



Mulheres discutem seus direitos

Semana da mulher

Maceió, AL — Entre os dias 29 de maio e 2 de junho, realizou-se nesta capital a Semana da Mulher, promovida pelo Diretório Central dos Estudantes e pela Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos de Alagoas, com a participação de cerca de 100 pessoas, 85% das quais mulheres.

A deputada cearense Maria Luiza, do PMDB, e Olívia Rangel, diretora da *Tribuna Operária*, ao se pronunciarem sobre a situação da mulher denunciaram a discriminação de que a mulher é vítima em todos os setores sociais, e defenderam sua ampla participação na vida política do país, inclusive no parlamento. O saldo do ciclo de debates, segundo a vice-presidente do DCE, "superou as expectativas". (da *Sucursal*)

Ato em defesa do rio Gravataí

Porto Alegre, RS — A destruição do rio Gravataí, causada por detritos industriais, e drenos agrícolas, foi motivo de uma manifestação ecológica com 8 mil pessoas, no dia 8, quando estas percorreram dois quilômetros entre o Parque dos Anjos e a margem do rio, nesta capital.

Os manifestantes exigiram que o governo transforme o rio em reserva ecológica e proíba as drenagens, fixando um prazo de 60 dias para uma resposta concreta das autoridades. O rio fornece água para cinco municípios de Porto Alegre, abastecendo aproximadamente meio milhão de pessoas, e sua poluição está causando várias doenças. (da *Sucursal*)

Contra o pelego

Aracoiaba, CE — Os camponeses desta região formaram dia 1 de junho sua chapa de oposição, para expulsar o presidente pelego do sindicato rural, o Lidinho. O pelego se encastelou há 12 anos no sindicato, favorecendo sempre os fazendeiros da região e enervando todas as lutas dos camponeses, agora atingidos por prolongada estiagem. (da *Sucursal*)



O governador Maluf, campeão brasileiro das vaías

MCC contra abuso na conta da Light

São Paulo, SP — "Lá no bairro eles jogaram a polícia em cima da gente, e aqui fecham os portões na nossa cara." Depois dizem que estão do lado do povo. Eles que se cuidem, porque o dia deles vai chegar", advertiu um dos 50 representantes do Movimento Contra a Carestia de São Paulo que tentaram entregar ao biônico Salim Maluf, no dia 28, a carta de reivindicações da "Campanha Contra os Abusos da Light".

Os populares esperaram duas

horas, mas, como já era esperado, não foram recebidos. Antes de se retirarem, leram a carta em conjunto e gritaram palavras de ordem como "ninguém aguenta mais o roubo que a Light faz".

O MCC/SP está programando agora novos passos na luta pelo congelamento imediato das contas de luz e alterações nos prazos de vencimento das contas, além da extensão da rede elétrica para todos os bairros de periferia e para todas as favelas.

ENTOES: mais um Estado presente

Rio de Janeiro, RJ — Representantes de 16 categorias, totalizando cerca de 250 delegados, participaram dia 25 de maio do Encontro Estadual de Trabalhadores Contra a Estrutura Sindical no Rio de Janeiro, preparando-se para o Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (ENTOES), a realizar-se dias 2 e 3 de agosto em São Paulo, com a participação de delegações de vários Estados.

Embora tenham surgido dificuldades de organização, devido à pouca divulgação e à falta de clareza quanto aos critérios de participação de algumas lideranças sindicais, os delegados, divididos em oito comissões, aprovaram diversas propostas a serem submetidas ao ENTOES, elegendo ainda 43 representantes para o En-

contro Nacional.

O Encontro Estadual, entre outros pontos, deu ênfase à organização e fortalecimento dos organismos de base, como comissões de fábrica e outras, encaminhando-se para a formação de uma Central Única dos Trabalhadores (CUT). Também foi definido que as oposições sindicais devem ser vistas como uma postura de combate à atual estrutura sindical, devendo atuar dentro dos sindicatos e não em formas paralelas.

Os participantes criticaram ainda a Unidade Sindical existente, por sua atuação cupulista, mas consideraram importante a participação dentro da mesma, para ampliar o debate, e, ao mesmo tempo, estimular o debate a partir das bases. (da *Sucursal*)

Oposição sindical em ação

Porto Alegre, RS — Os metalúrgicos da Grande Porto Alegre, cansados das manobras e atitudes policiaes das atuais diretorias do sindicato, discutiram dia 14 o lançamento de sua Oposição Sindical, com o objetivo de tomar sua entidade e organizar os trabalhadores pela base, nas fábricas.

O presidente pelego Adão Hags-trân, que se sente no direito de criticar a Intersindical gaúcha, embora apenas 9 dos 55 mil trabalhadores da categoria sejam sindicalizados, tem sido omissos quanto às demissões em massa que ocorrem após os dissídios. "A diretoria é um fator de desmobilização e oportunismo", disse um metalúrgico. "Isso dificulta a mobilização da categoria, pois ninguém quer saber de sindicato que virou órgão oficial". (da *Sucursal*)

Sabesp não dá esgotos

São Paulo — Os moradores da Vila Califórnia, na Zona Leste, não acreditam mais em promessas de "autoridades". A região é bastante carente, mas seu maior problema é a falta de esgotos, o que infesta o bairro de ratos e insetos, provocando doenças.

No dia 8, 300 pessoas realizaram uma assembleia para ouvir explicações da Sabesp, responsável pelo saneamento na Capital, mas esta não enviou representante, o que causou grande revolta entre os moradores. "Os governantes pensam que nós somos palhaços", comentou um diretor da Associação de Moradores. "mas nós não vamos ficar calados. Vamos lutar com mais garra ainda".

Tribuna Operária

Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar; Jornalista Responsável: Walmar Marcelino. Redação: R. Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, Capital, CEP 01325, tel. 36-7531. Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa CEP 20241 - Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem CEP 30000 - Bahia: R. Padre Vieira, s/307 - Salvador CEP 40000 - Rio Grande do Sul: R. Gen. Canabarro, 52, s/29 - Centro, Porto Alegre CEP 90000 - A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa na Cia. Editora Jorúes.

Maluf, o vaiado

São Paulo, SP — Dia 25 o governador Paulo Maluf levou outro banho de vaia, na inauguração do prédio da Administração Regional de S. Miguel e Ermelindo Matarazzo. O luxuoso prédio custou 65 milhões, o que daria para construir 30 postos de saúde ou 60 creches. E os trabalhadores da Zona Leste da capital aproveitaram a ocasião para mostrar que são contra este governo.

Enquanto Maluf e seus puxa-sacos se reuniam dentro do prédio, o povo do lado de fora protestava e enfrentava a polícia. Tropas de choque e 50 viaturas foram usadas na repressão, atacando inclusive mulheres e crianças. Mas os populares não se intimidaram. Reagiram, chegando até a retirar alguns manifestantes presos de dentro das viaturas e a obrigar a polícia a recuar. E se fartaram de vaia o Maluf.

Repúdio à repressão

Ribeirão Preto, SP — Mais de 600 pessoas participaram dia 28 de maio de uma manifestação de repúdio à violenta repressão policial registrada durante a visita do general Figueiredo e do "trombadinha" Maluf à cidade, no dia 22, quando um grande número de populares foi ferido e preso pelas tropas de choque.

O ato, que constou de uma concentração e uma passeata pelo centro da cidade, foi promovido pelos estudantes, com a presença de membros do PMDB, PT e Movimento Contra a Carestia. (da *Sucursal*)

Silêncio comprometedor

Salvador, BA — Quase ocorreu um desastre no Pólo Petroquímico de Camaçari, dia 26 de maio, quando uma não explicada sobrecarga nos geradores da CHESF causou uma pane no parque industrial. Três fábricas foram evacuadas e, em uma delas, houve vazamento de um gás usado como arma na 1ª Guerra Mundial.

A pane poderia ter causado uma catástrofe, ameaçando de envenenamento os 15 mil trabalhadores do Pólo e moradores de cidades vizinhas. O fato, contudo, não foi noticiado pela imprensa, e nem as autoridades se dignaram a esclarecer os motivos da pane. (da *Sucursal*)

Caxias do Sul abre campanha

Caxias do Sul, RS — Os metalúrgicos de Caxias do Sul — cerca de 21 mil trabalhadores, na segunda maior concentração metalúrgica do Estado — iniciaram os preparativos para o seu próximo dissídio coletivo, reunindo, em sua primeira assembleia, cerca de três mil operários.

Os metalúrgicos, cujo nível de organização é bastante elevado, com 55% de sindicalizados, para apenas 15% em Porto Alegre, formaram na assembleia uma Comissão de Salários de 16 membros, encarregada, junto a diretoria do sindicato, de convocar e mobilizar a categoria.

A assembleia aprovou uma pauta com 33 reivindicações, incluindo um piso salarial de Cr\$ 8.100,00, adicionais de 50% nas horas extras em dias de semana e 100% nos demais, além de estabilidade de um ano para a Comissão de Salários. Os operários manifestaram ainda a importância da união e consciência de luta da categoria para a conquista de suas reivindicações, citando o exemplo dos metalúrgicos do ABC. (da *Sucursal*)



São Mateus: contra a escravidão

Acesita corta árvores e braços

Vitória, ES — O regime de escravidão imposto pelas multinacionais no norte do Espírito Santo causou mais uma vítima: o camponês Benedito Falcão, casado e pai de 7 filhos, demitido pela Florestal Acesita S/A após ter tido um dos braços inutilizado em um acidente de trabalho.

Em entrevista à *Tribuna Operária*, Benedito contou que foi obrigado pelo médico da empresa, dr. Jair, a trabalhar com o braço engessado, o que o deixou inválido. Após consultar o médico do Sindicato Rural de São Mateus, que responsabilizou o dr. Jair, o camponês foi demitido. "E o advogado da empresa ainda disse que a Acesita tinha mais força que o governo do Estado, quanto mais que um sindicato". (da *Sucursal*)

Centro de Cultura Operária - CCO/SP.

R. Conselheiro Ramalho, 501, sala 1 - Bela Vista, SP - CEP 01325 (endereço provisório)

Nome Idade Profissão Endereço Cidade CEP

O Centro de Cultura Operária CCO/SP tem por finalidade divulgar e promover a cultura operária em seus diferentes aspectos — sua história, suas lutas e sua teoria. Para associar-se, basta preencher a ficha e enviar um vale postal no valor mínimo de Cr\$20,00 como 1ª mensalidade. Serão considerados sócios fundadores os que se associarem até 30 de agosto.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo. ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome Endereço Cidade Estado Telefone

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú Agência 03154, São Paulo, Capital.



Apoio ao padre Antônio e aos posseiros. E pau nos provocadores!

Desagravo em Curuçá

Belém, PA — Cerca de mil camponeses concentraram-se dia 18 de maio em Curuçá, para uma manifestação de desagravo ao vigário Manuel Antônio, acusado pela Câmara Municipal de "incitar camponeses contra os poderes públicos" por seu firme apoio à luta dos posseiros de Areal contra o grileiro Cláudio.

No ato, foram lidas cartas de apoio de 27 comunidades, com 2.300 assinaturas, e de várias entidades paraenses, celebrando-se em seguida uma missa. O vereador Alcy Miranda, o filho do prefeito e

dois capangas tentaram tumultuar o ato, soltando foguetes ao lado da igreja, mas correram sob pancadas da multidão após queimarem uma criança.

A manifestação significa mais uma vitória para os posseiros de Areal, que resistem organizadamente desde o ano passado às manobras do grileiro. Para melhor defender a terra, resolveram botar um roçado coletivo na área visada, com a realização de um grande mutirão no dia 1º de maio. (da *Sucursal*)

PT rejeita Constituinte

Maioria dos delegados considerou secundário para os trabalhadores lutar pela Assembléia Constituinte livre e soberana. Votação apertada. PT é o único na oposição que não empunha esta bandeira.

"O trabalhador quer saber é das coisas concretas, dá farinha com rapadura, e não de uma coisa abstrata como a Constituinte". Com esta argumentação, o Encontro Nacional do PT rejeitou no dia 1º, por maioria apertada (teve de haver recontagem dos votos) a proposta de incluir no seu programa a luta por uma Assembléia Constituinte livremente eleita. Os oradores que defenderam a posição vencida insistiram na necessidade de uma constituinte "sem Figueiredo".

Foi talvez o lance mais inesperado do Encontro. Num momento em que todas as forças de oposição, até mesmo o PP da burguesia conservadora, levantam de uma ou outra forma a bandeira da Constituinte, era de se esperar que o PT fizesse o mesmo, e com firmeza muito maior. Afinal, os trabalhadores são os maiores interessados em rasgar a atual Constituição dos generais. E são a grande força capaz de abrir caminho para eleger, num clima de liberdade, representantes do povo que elaborem uma Constituição democrática e progressista. Muitos delegados e mesmo dirigentes do PT expressaram à *Tribuna* sua esperança de corrigir este equívoco.

São Tomé reuniu 260 mas em S. Bernardo foram 40

Participaram do Encontro 314 delegados de todo o país, mais 23 intelectuais convidados, 20 dirigentes sindicais e 18 deputados, todos com direito a voto.

Nas bases a preparação foi bastante desigual. Em Gameleira de S. Tomé, no sertão do Rio Grande do Norte, por exemplo, foi feita uma reunião com 260 pessoas. Em compensação S. Bernardo, berço do PT, com 758 pessoas filiadas ao partido, elegeu seus 33 delegados ao Encontro numa reunião de apenas 40 pessoas ("Por causa da greve que absorveu muito os quadros", explicava um militante).

Tese do PT classista e sem patrões não vingou

A maior luta dentro do Encontro travou-se entre os grupos mais extremados da corrente trotsquista e um

bloco formado por todo o resto do PT. Este bloco, amplamente majoritário, venceu todas as votações, desde a discussão do regimento interno até o final. Assim, as teses do PT classista, sem patrões, do governo dos trabalhadores e da luta pelo socialismo terminaram enterradas uma por uma.

Ao final, saiu da reunião um programa moderado, principalmente na plataforma política (ver artigo ao lado).

Goíás e mulheres protestam na eleição

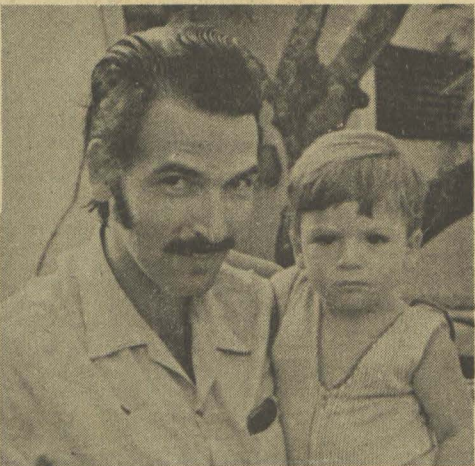
A única chapa apresentada para a direção do PT foi eleita tranquilamente. Mas teve de engolir protestos, não só da ultra-esquerda mas também de outros setores que se sentiram marginalizados.

As mulheres reclamaram da direção formada só por homens. E a delegação de Goíás, a quarta mais numerosa, marcou seu protesto contra a ausência de goianos na Comissão. São os problemas de um partido que é "um mosaico de forças", como comentava Luís Eduardo Greenhalgh ao final do Encontro, e que batalha a custo para acomodá-las.

Outro problema discutido com intensidade nos bastidores foi a proposta de fusão PT-PDT, feita por Leonel Brizola. Alguns grupos tentaram colocar o assunto na pauta e se tivessem conseguido provavelmente as portas do PT se fechariam para Brizola, pois era muito grande entre os delegados a resistência à política abertamente conciliadora do ex-governador gaúcho.

Brizolistas acham que união ficou mais fácil

Mas a questão não entrou na pauta. Dirigentes do PT confidenciaram à *Tribuna* que os canais para um entendimento estão abertos. E os observadores do partido brizolista presentes ao Encontro não escondiam seu otimismo. Um deles comentou que "o programa aprovado pelo PT é idêntico ao nosso", que "a base social dos dois partidos é a mesma, cada um complementando o outro" e que ele aposta num diálogo, na direção e na base dos dois partidos, que leve à fusão.



Rui com Henrique: vítima do regime

Onde está Rui Frazão?

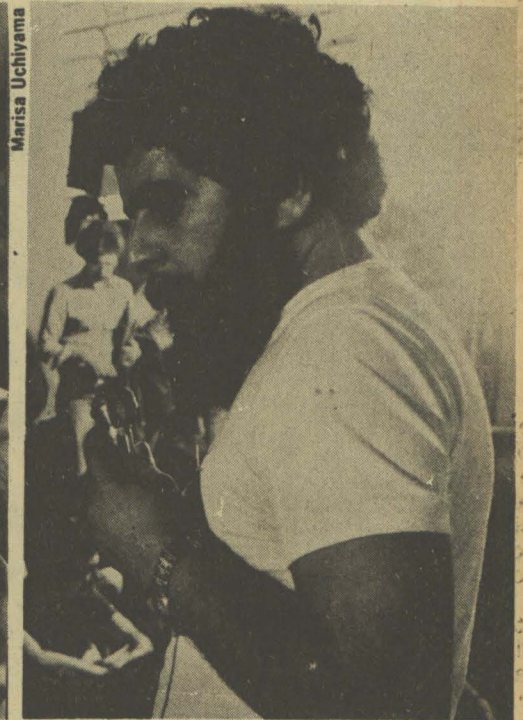
"Hoje completam-se seis anos da prisão e desaparecimento de meu companheiro Rui Frazão Soares, dirigente do PC do B, vivendo na clandestinidade, possivelmente pelo DOI-CODI de Recife, na feira livre de Petrolina, na presença de populares e amigos". Assim começa a carta de Felícia Frazão, esposa, quem sabe viúva, de Rui.

Ninguém mais o viu desde a sua prisão, aos 33 anos de idade, quando preparava-se para iniciar seu dia de trabalho como feirante. O general Geisel recém iniciara seu governo e a atividade sinistra dos DOI-CODIs prosseguia intensamente. Rui, depois de militar longos anos no movimento camponês do Maranhão, e sabendo-se perseguido pelos órgãos repressivos, transferira-se clandestinamente para a região de Juazeiro-Petrolina, sempre como dirigente regional comunista. Várias testemunhas assistiram quando três homens armados o seqüestraram. "Tenho me perguntado — escreve Felícia — o que mais fazer? Meu filho de sete anos insiste em saber onde enterraram seu corpo. Chega a afirmar: "Eu também quero procurar", mas por que eles fizeram isso?" Foi encaminhado para a Comissão Justiça e Paz de Recife um dossiê sobre o caso e o advogado Pedro Eurico de Barros e Silva estuda a possibilidade de uma ação de responsabilização do Estado pela prisão e assassinato de Rui.

"A sociedade brasileira, hoje, tem um nível de consciência maior dos assassinatos e torturas que a ditadura tem cometido contra os seus mais combativos opositores. É minha esperança que o movimento popular cresça e obrigue o governo a prestar contas dos corpos dos nossos queridos companheiros e apure de fato as responsabilidades dos criminosos e torturadores. Não sei por quantos anos ainda responderei para Henrique que estamos procurando o corpo de seu pai, que cruelmente não nos permitiram o direito sagrado de chorar a dor da morte, velado e enterrá-lo dignamente. Sei que a luta continua".



O plenário do Encontro e Lula, o líder do PT: um partido sem "ranço ideológico" marxista-leninista



Programa moderado

PT acautela-se para não criar problemas com o regime.

Um partido político vale acima de tudo pelo que faz e não pelo que diz. Mesmo assim, o programa aprovado dá algumas indicações importantes sobre o PT.

É um programa democrático, de oposição ao regime. Tem também o mérito de incluir as principais reivindicações econômicas e sindicais dos trabalhadores. Isto porém é pouco, muito pouco, perto do que se exigiria de um partido que pretende ser, como disse Lula, "a única coisa séria que existe no país".

Abrandamento no combate ao regime

O PT evita cuidadosamente as bandeiras e as formulações que implicariam num combate mais frontal ao regime de 1964 e ao governo Figueiredo. A rejeição da luta pela Constituinte, com os argumentos usados, foi um exemplo, mas não o único.

O documento diz que "a luta contra o regime deve apontar uma alternativa que golpeie o poder econômico e político dominante". Diz que os trabalhadores "agora com seu partido avançam para superar este regime". São as palavras usadas pelos partidos reformistas, como o PCB e o PDT. O item "luta contra a ditadura militar" ou "pelo fim do regime militar" foi proposto, mas não entrou no programa.

O documento afirma que "um dos grandes problemas da sociedade brasileira é o da democracia", mas mostra uma visão limitada de como conseguí-la. "Garantir o direito à livre organização dos trabalhadores, em todos os níveis — diz — é hoje para o PT a luta democrática concreta". Passa por cima da luta democrática maior, determinante de todas as outras, para acabar com o regime atual.

Argumentos que não satisfazem

Dois argumentos foram levantados para explicar essa moderação: que posições mais radicais poderiam criar complicações para a legalização do PT e que não estariam no nível atual da luta dos trabalhadores.

O primeiro argumento tem sua base. A nova lei dos partidos foi feita para atrapalhar a organização partidária, em particular das forças populares. Mas surge a pergunta: os trabalhadores devem acatar essa lei, rebaixar seu programa e fundar partidos segundo o figurino de Figueiredo? A experiência do movimento operário aponta outro rumo.

Já o segundo argumento levanta um

problema ainda mais sério. É que a classe operária e o povo trabalhador precisam *justamente* de um partido para levantar as questões que *não* surgem espontaneamente das lutas do dia-a-dia, um partido que abra horizontes, que enxergue mais longe do que o conjunto da classe. Um partido político que só levante as questões *depois* que elas são compreendidas pelos trabalhadores não é um partido de vanguarda, nem de massas, é um partido de retaguarda.

Indefinição nos objetivos finais

Pelo mesmo motivo, o PT deixou na indefinição os seus objetivos finais. O programa afirma: "O partido deve estar preparado para propor alterações profundas na estrutura econômica e política da nação. No entanto, surgido do movimento sindical e popular, proposto como partido de massas de amplo alcance social, o desenvolvimento de sua estratégia depende da permanente relação com movimentos como este".

Com base neste raciocínio, questões como a luta contra o domínio imperialista e pela reforma agrária são deixadas praticamente em aberto. Há apenas uma promessa de definição futura. E o problema do poder político fica ainda mais no ar.

Naturalmente a estratégia de todo partido tem de desenvolver-se, sob pena de envelhecer. Mas isso não significa deixar o barco correr, contentando-se com definições como "um governo que avance nos rumos de uma sociedade sem exploradores e explorados". Até o Partido Social Democrata alemão tem formulações mais avançadas para fingir-se de socialista, como comentava Luís Travassos, ex-presidente da UNE que viveu longos anos exilado na Alemanha Ocidental.

O PT começa sua caminhada sem definir exatamente onde deseja chegar. E com isso corre o risco de chegar a um resultado que desaponte a grande maioria dos seus militantes.

Longe da teoria da classe operária

Essa moderação e essa indefinição existem porque o PT mostra-se alheio e até mesmo hostil à teoria revolucionária da classe operária, o marxismo-leninismo.

"É hora — disse Lula no Encontro — de acabar com o ranço ideológico e o comodismo de quem fica em casa à noite lendo Marx e Lênin. Está na hora de sair da teoria e partir para a prática. O PT

não é resultado de nenhuma teoria". Esta atitude "antiideológica" não foi contestada no Encontro e está enraizada na cabeça dos principais dirigentes do PT.

Mas em matéria de ideologia não existem espaços vazios. Cada um tem a sua, consciente ou inconsciente. E quando se deixa a coisa no ar, o espaço é ocupado sempre pela ideologia "da praça", a ideologia dominante na sociedade, que é a da classe dominante.

A ideologia da classe operária, capaz de conduzi-la à emancipação, é o marxismo-leninismo. É ela que destrincha os mecanismos e as contradições da sociedade capitalista, que aponta a missão histórica do proletariado, coqueiro deste sistema, que permite a análise concreta de cada situação concreta, a definição do rumo a seguir. Sem este guia revolucionário para a ação não há partido que consiga expressar os interesses presentes e futuros da classe operária e do povo trabalhador.

"Não é um partido revolucionário"

Curiosamente, este é um ponto aceito por boa parte das pessoas que aderiram ao PT. Durante o Encontro, a *Tribuna Operária* ouviu delegados do Acre ao Rio Grande do Sul dizerem que o PT não é revolucionário e que existe o risco dele tornar-se num partido social-democrata.

O que essas pessoas não conseguem explicar satisfatoriamente é por que eles, se são revolucionários e compreendem o papel nocivo da social-democracia no movimento operário, mesmo assim estão no PT. Mais ainda quando se constata, pelo programa aprovado, que a marca social-democrata do PT é, mais do que um perigo, uma realidade, embora possa-se atuar em aliança com ele na luta contra a ditadura.

Os partidos de tipo social-democrata nem sempre nascem já traindo abertamente os trabalhadores. Muitas vezes surgem a partir de lideranças legítimas do movimento sindical, animadas pelas melhores intenções. Mas como não se orientam pelo marxismo-leninismo, as boas intenções terminam calcando o caminho que leva ao inferno da conciliação e da capitulação de classe.

Por isso, não resta aos trabalhadores conscientes outra saída senão participar da construção do seu partido de classe e de vanguarda, comunista, marxista-leninista. E se a luta é dura, se a reação impede há 58 anos a livre atuação deste partido, mais um motivo para cerrar fileiras e insistir, até arredar esta e todas as outras barreiras que atravancam o caminho para a libertação dos trabalhadores. (Bernardo Joffily)

Aldo e Fredo falam do 1º ano da UNE

Um ano depois do Congresso que reconstruiu a UNE dois diretores da entidade, Aldo Rabelo e Fredo Ebling Junior, falam à Tribuna sobre as lutas dos estudantes

Aldo: Neste primeiro aniversário da UNE, a ditadura tenta derrubar seu prédio (a tradicional sede da UNE até 1964, na praça do Flamengo, Rio de Janeiro). O significado dessa tentativa é, em primeiro lugar, que não existe uma crise da Universidade separada da crise do regime. E portanto também não existe uma luta dos estudantes separada da luta popular.

Fredo: É bom lembrar que esse prédio tem todo um significado. De certa forma ele sintetiza as lutas do movimento estudantil, pois foi tomado dos nazistas em 1942 e liga-se à luta contra a ditadura.

Aldo: Outra coisa é a experiência deste último ano. Ela deixou claro que a UNE é uma necessidade e uma exigência do movimento popular, em particular do movimento estudantil. Com a eleição da diretoria da UNE, o movimento estudantil deu um salto. A partir daí o quadro mudou e as lutas dispersas, sem

uma entidade nacional, passaram a contar não só com palavras de ordem unificadas mas também com uma direção.

Sobre as lutas atuais

Aldo: A principal luta que se deu neste primeiro semestre foi contra o aumento abusivo das anuidades nas escolas pagas, em cima da bandeira de nada além de 35% de aumento. Houve lutas desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Setenta escolas entraram em luta em cima dos 35%.

Fredo: A crise na Universidade não só continua como se agrava. A situação tende a piorar no segundo semestre deste ano. Boa parte das verbas do segundo semestre já estão sendo gastas no primeiro. Há perspectivas das lutas prosseguirem e com as forças acumuladas dá para dar um avanço. A UNE vai realizar um seminário em julho, que vai dar condições para a gente ter uma visão mais geral, menos artesanal, sobre a situação do ensino.

Aldo: Comparando 1980 com 1977 a gente vê que em 77 as lutas se davam apenas nos maiores centros — Rio Grande do Sul, S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia — e mostravam uma necessidade ainda inicial, de conquistar um espaço. Tiveram um significado muito

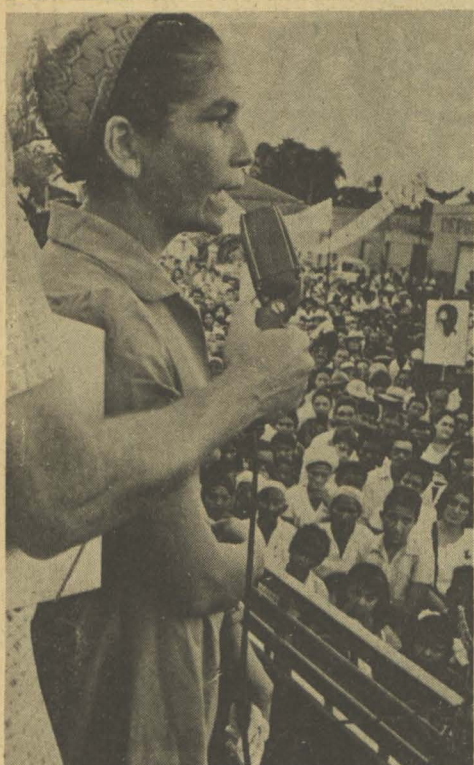
maior porque os estudantes então eram quase o único setor que se manifestava publicamente. Já em 80 houve um avanço significativo. Eu mesmo já participei este ano de uma passeata em Cuiabá com 3 mil pessoas, outra em Goiânia com 5 mil, Fortaleza, 10 mil, Belém, 3 mil, Alagoas, 3 mil, Acre, 500.

Fredo: Mas neste primeiro semestre a gente poderia ter avançado mais. Basicamente foi ainda uma luta dispersa. Para o segundo semestre a gente quer avançar bastante no sentido de unificar. Já marcamos para agosto um dia nacional de greve contra os aumentos das anuidades, nem um centavo a mais, e por mais verbas para a educação.

Sobre a solidariedade ao ABC

Aldo: Os estudantes fizeram alguma coisa mas podiam ter feito mais. Em todo o movimento de solidariedade aos operários foi a participação do movimento estudantil ativa ao nível material. Mas é de se reconhecer que a solidariedade mais política não foi suficiente.

Fredo: Houve uma debilidade política. Poderíamos ter contribuído bem mais. No Rio Grande do Sul, durante a greve da construção civil no ano passado, a gente conseguiu parar as aulas e fez a maior assembleia que eu já vi. Isso demonstra o quanto os estudantes são sensíveis à solidariedade.



A viúva de Raimundo, e a multidão que participou do protesto contra o assassinato

SEU SANGUE SERÁ SEMENTE

No protesto contra a morte do posseiro Raimundo, seus companheiros dizem que para terem terra "tem que ser na base do tiro".

A multidão fez silêncio quando a viúva de Raimundo, Dona Maria Oneide Costa Lima, subiu à carroceira do caminhão para falar. Ela estava muito firme e serena. "Como vocês já sabem — disse — meu marido desde há tempos estava empenhado nesta luta em favor dos oprimidos. Por isso era perseguido pelos grileiros, para que calasse a boca. Mas nunca calou. Foi morto em Araguaia, mas quero que vocês não desanimem. Sempre ajudei Gringo nessa luta. Mas agora é que vou lutar mais ainda". Nesse momento, um velho posseiro gritou bem alto: "Muito bem, minha filha! Você não lutará sozinha!" E o povo explodiu em aplausos.

Três dias a pé

Gente das mais diversas localidades ocorreu no dia 8 de junho ao ato público de protesto pela morte de Raimundo Ferreira. Houve quem andasse três dias para chegar ao local do ato público, como ocorreu com a própria viúva. Outros vieram de barco, com seu Dima, que transportou 62 pessoas numa viagem de dois dias pelo rio e que acabou chegando após o ato, devido a uma avaria no motor. Seu Dima, que foi vizinho de Gringo durante vários meses, tem opinião formada sobre a luta contra a grilagem: "Não vamos sair da terra. Não temos mais para onde ir. Viver ou morrer, tem que ser por lá mesmo. E tem que ser na base do tiro".

A tensão chegou a tal ponto que correm por aqui listas das pessoas mar-

cadadas para morrer. Duas foram feitas por grileiros. E uma terceira pelos posseiros.

Em menos de um mês houve quatro mortes. No dia 13 de maio o fazendeiro Fernando Leitao Diniz foi emboscado por posseiros. No dia 29 era a vez de Raimundo. No dia 2 de junho o grileiro Elias Uliano era morto a tiros em Xinguara. E dias depois, mais um posseiro tombava.

Gente de toda parte

Calculo que mais de quatro mil pessoas participaram do ato público. Cerca de 30 entidades civis e religiosas se fizeram representar, entre as quais a CNBB, a Comissão Pastoral da Terra, a CONTAG, a UNE, a Sociedade Paraense dos Direitos Humanos, movimentos de oposição sindical e associações de bairros de Belém, além de deputados e vereadores.

Havia muitas faixas: "O sangue de Gringo clama por reforma agrária imediata e total"; "O povo de Rio Maria protesta contra Bertoldo, grileiro e ditador" (Bertoldo é o interventor do sindicato, ex-policia). Um cartaz dizia: "Seu sangue será uma semente que germinará em cada um de nós".

A Igreja solidária

Durante o ato litúrgico, realizado no largo da igreja, D. Estevão de Avelar, bispo de Uberlândia, declarou: "Raimundo queria um sindicato livre e libertador, e não amarrado às autoridades".

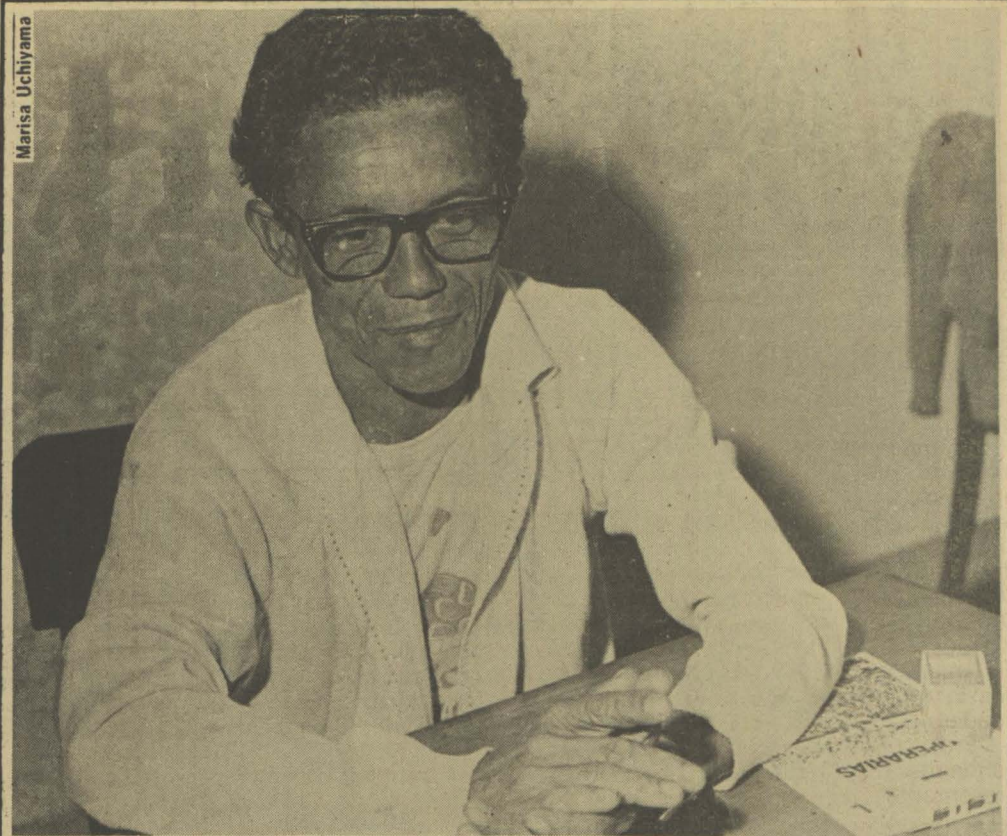
Em seguida, a multidão saiu em passeata até a praça da Prefeitura. Um companheiro da Chapa 2, o Chico, abriu o ato destacando: "Gringo morreu lutando. Em seu lugar se levantarão mil que levarão as bandeiras que ele desfraldou".

Dom Celso Pereira de Almeida, falando em nome da CPT e da CNBB local ressaltou que "o povo unido não tem medo de sangue, porque foi do sangue que foi construída a base da sociedade. E hoje nós temos o sangue de Gringo construindo a base da Oposição (Chapa 2) e o sindicato livre de Conceição do Araguaia".

Determinação e luta

Esse espírito combativo também predominou nas de mais intervenções. O vereador Benedito Cintra, de São Paulo, conclamou os lavradores a comparecer em massa às eleições de 29 de junho e votar na oposição sindical. O deputado estadual Lucival Barbalho, do Pará, alertou: "Este governo há de cair e, com ele, os bandidos e assassinos que andam à solta". O representante do Movimento Contra a Cereia e o deputado federal Aurélio Peres compararam a luta nas cidades e no campo, fazendo referência ao assassinato de Santo Dias da Silva.

Até o fim, ninguém arredou do ato público. E saíram todos gritando palavras de ordem e acenando com as faixas e cartazes. No ar pairava um clima de combatividade e determinação. (Do enviado especial, Euler Ivo Vieira)



O "Gringo" em sua última foto, ao conceder entrevista à Tribuna

Mártir da luta pela terra

A vida e a morte de Raimundo Ferreira, o lavrador que sonhou com uma vida melhor.

Raimundo Ferreira, o "Gringo", da oposição sindical de Conceição do Araguaia, foi assassinado! A notícia causou-nos consternação e revolta. Afinal cerca de quinze dias antes, ele concedera uma entrevista à *Tribuna Operária*, sobre os conflitos na região e as próximas eleições para a diretoria do sindicato. E então afirmara taxativamente: "Se não houver bandalheira, nós ganhamos com 90% de votos". Só que houve mais que bandalheira, Raimundo. Os grileiros mataram você para atemorizar os posseiros, sabotar as eleições e impedir a vitória da oposição. Mas a briga não terminou. A última palavra ainda não foi dada, os grileiros não perdem por esperar.

Baleado pelas costas

Raimundo deixou mulher, Dona Maria, e seis filhos: o maior com 11 anos e o menor com 8 meses de idade. Nascido em Marabá, tinha 43 anos e morava em Itaipavas desde 1970. Estava na lista negra dos camponeses e agentes pastorais condenados à morte pela Impar, empresa florestal associada à "Óleos Pacaembu", de São Paulo.

Na véspera de sua morte pernitoit em Araguaia. Saiu de casa onde dormia às 6 horas da manhã. As 6:05 foi visto pela última vez em vida, por um chofer de táxi que lhe ofereceu carona.

As 6:30 foi encontrado agonizante, com uma forte pancada na cabeça, um braço quebrado e dois tiros de calibre 32 desferidos pelas costas. Morreu em seguida.

O criminoso

Naquela mesma noite, hospedou-se no hotelzinho de Araguaia um certo José Antônio, mineiro, filho de criação do grileiro Fernando Diniz e conhecido pistoleiro em Itaipava. Quatro dias antes, ele ameaçava Raimundo de morte devido às denúncias que este fazia da grilagem na região. Junto ao local onde o corpo foi encontrado, a um quilômetro da cidade, foram vistos rastros de um automóvel, Passat ou Corcel. José Antônio tem um Corcel.

As autoridades policiais insistem em conduzir os interrogatórios como se os culpados pelo crime não fossem os pistoleiros e grileiros que infestam a região.

Mas o povo sabe quem são os verdadeiros culpados. E o próprio Raimundo estava consciente de que era alvo do ódio dos poderosos da região e dos pelegos, que não perdoavam sua ousadia na defesa dos posseiros. Morto, ele continua vivo no coração e na mente de todos os seus companheiros e de todos os que batalham por um Brasil melhor. (Olivia Rangel)



No alto, à esquerda, boi morto pela seca; ao lado, a longa caminhada em busca de água; embaixo, a cacimba que começa a secar.

Imagens da seca

Grandes manifestações contra a fome e a exploração. Flagelados famintos invadem cidades.

Calcula-se em 30 mil o número de setanejos que ganharam as ruas das cidades cearenses nos dias 5 e 6 de junho, com cartazes dizendo "nossos filhos estão com fome", "temos direito à vida!". O movimento foi organizado pelos sindicatos de trabalhadores rurais do Ceará e pela Pastoral da Terra da Diocese de Crateús.

Num documento preparando a manifestação, os lavradores de Ipueiras dizem: "Vimos que a seca é um dos inimigos que atacam a todas as classes sofredoras. Vimos que as autoridades não estão encarando tão grave problema. Conforme a experiência da emergência de 1979 que veio exclusivamente para beneficiar os patrões, vimos que milhares de trabalhadores

ficaram sujeitos aos seus patrões, com um baixo salário — e porque não dizermos, um salário de fome — E tem mais, sem liberdade para trabalharem em suas roças."

Diversos sindicalistas, baseados na experiência do ano passado, denunciaram as frentes de trabalho criadas pelo governo na área da seca como uma iniciativa antipovo. O delegado sindical de Crateús, José Maria Melo conta: "O pagamento não era integral, havia uma deslavada exploração, uma rapadura era vendida a dez cruzeiros quando nas feiras não passava de três". Já José Mendes, presidente do Sindicato de Quixeramobim, comentou: "A gente tá vendo é muita miséria. E uma das situações mais ruins de todos os tempos.

Os patrões meteram a mão no dinheiro".

Diante disso, não é de admirar que os flagelados da seca comecem a invadir cidades e armazéns, à procura de comida. A cidade de Traucuba já foi invadida duas vezes. Da segunda vez, no dia 25 de maio, uma leva de 1.200 pessoas, repelida na cidade e passando fome, carneou uma vaca em plena estrada e alguns chegaram a comer carne crua. Em Juazeiro do Norte, flagelados invadiram o centro comercial. No Rio Grande do Norte, as cidades de Antônio Martins, Almino Afonso, Messias Targino e Afonso Bezerra também foram invadidas.

(Da Sucursal de Fortaleza).

MT: 32 posseiros na mata

Não é só no Pará que o rio Araguaia pega fogo. Em Ribeirão Bonito, MT, o povo da rua e da mata se une contra a grilagem.

Os posseiros de Ribeirão Bonito e Cascalheira que resistem ao grileiro João Evangelista estão refugiados na mata desde 31 de março. São 32. As mulheres e crianças, que também se esconderam, vieram para a "rua" (povoado) uma semana depois. Os homens continuam na mata. "Não é por medo, é por vontade de conseguir a terra" — explica um morador da região. "Parece que os jagunços é que estão com medo de ir na mata, porque lá até que não é difícil achar o pessoal, tem até festa com sanfona e tudo".

"A onça acuada briga!"

"O posseiro já cansou. É gente que já veio do Nordeste, foi bater lá no Maranhão, já está no Mato Grosso... para onde ir mais? Há cinco anos, o fazendeiro chegava, o posseiro mudava logo de lugar. Tinha terra sobrando. Agora, eles não têm mais pra onde ir. Então resistem. A onça acuada briga!"

Por isso o conflito se acende. No caso, os jagunços de João Evangelista já queimaram roças e casas, maltrataram muita gente e até mataram um morador, Pedrinho Marceneiro, causando grande revolta.

A mata e a rua se ajudam

O povo da região aprendeu muito nesta luta em matéria de solidariedade. Quem mora na rua — peões, outros posseiros, pequenos comerciantes —

ajuda os que estão na mata. As mulheres da rua trouxeram as que estavam na mata e conseguiram casa, comida, vasilhas, tudo que era preciso para as famílias desabrigadas pelo grileiro.

A mesma solidariedade já tinha aparecido antes, na hora em que os posseiros tiveram de colher suas roças de arroz, enfrentando as ameaças dos jagunços. "O pessoal da rua se juntou e fez vários mutirões, na área mais perto da sede, onde era mais fácil ser visto". Outra ajuda importante foi nas comunicações. Até uma equipe de jornalistas da revista francesa "Actuel" entrou em contato com os posseiros através dos moradores da rua.

"Nós de lá e vocês daqui"

A luta também ensinou que a união tem que ser geral. No dia 8 de maio, uma reunião em Conceição juntou gente do Pará, Mato Grosso, Goiás e Maranhão para discutir seus problemas. "O pessoal gostou demais, tá organizando e lutando mesmo", conta uma moradora. Os sindicatos, principalmente os delegados sindicais, também têm seu papel. E o movimento operário influi igualmente. Um morador comenta: "O rádio fala pouco, porque o rádio é do governo. Mas o pessoal acompanha as greves. Há pouco tempo ainda não tinha curiosidade, mas agora tem. Eles dizem que o negócio é eles quebrarem o pau de lá que vocês quebram daqui".

Camponeses de Viseu — o maior grilo do Pará

Camponeses de Viseu enfrentam PM e jagunços.

Na região que vai do Rio Pirá até o Gurupi, municípios de Viseu, Ourém, Bragança, Capitão Poço, 7 mil famílias camponesas, num cálculo por baixo, estão ameaçadas por grileiros e grandes empresas como a Cidapar, Condurus, Arajás, Grupiá. É a maior grilagem do Estado do Pará.

Grileiro e polícia: amigos

No dia 30 de abril, 180 posseiros de Viseu, às margens da BR-316, se deslocaram até Belém. Foram denunciar os atentados que têm sofrido da parte de grileiros, soldados e pistoleiros. Pois para surpresa dos camponeses, quando chegaram na Secretaria de Segurança, o delegado Euclides não quis registrar a queixa. E pior ainda: um dos grileiros estava dentro do gabinete do delegado. São amigos!

Legítima defesa

Em vez de melhorar, a situação piorou. Posseiro foi obrigado a caminhar mata adentro com pistoleiros e grileiros atrás, de arma em punho, dando tiros. E

entre os dias 24 e 25 de maio chegaram nove jagunços no barracão da Arajás, que passaram a noite dando tiros, inclusive de metralhadora.

Os posseiros resolveram reagir, em legítima defesa. Junto com os vizinhos de outras comunidades, e protegidos pela mata, mataram um pistoleiro e feriram outros dois, sem sofrer nenhuma baixa.

Polícia Militar em ação

O governador do Parámostrou então de que lado está: mandou para a área um destacamento de 20 policiais militares. Os posseiros se refugiaram na mata, mas um velho camponês de 70 anos, Raimundo Roxo, foi preso e levado até Belém. Foi preciso uma campanha ampla das forças democráticas do Estado para conseguir soltá-lo, no último dia 30. Enquanto isso, a PM continua na região a prometer entrar na mata para prender os posseiros de Igarapé e Areia. O vigário da paróquia, Padre Catel, também foi ameaçado de prisão. (Do correspondente em Castanhal)

Morte de Raimundo repudiada em S. Paulo

O assassinato do líder camponês Raimundo Ferreira Lima vem provocando atos e mobilizações de repúdio e protesto em todo o país. E em São Paulo, no dia 7, o Movimento Contra a Carestia promoveu um ato público, no Sindicato dos Jornalistas, contra o assassinato e em solidariedade aos posseiros e trabalhadores rurais do Araguaia.

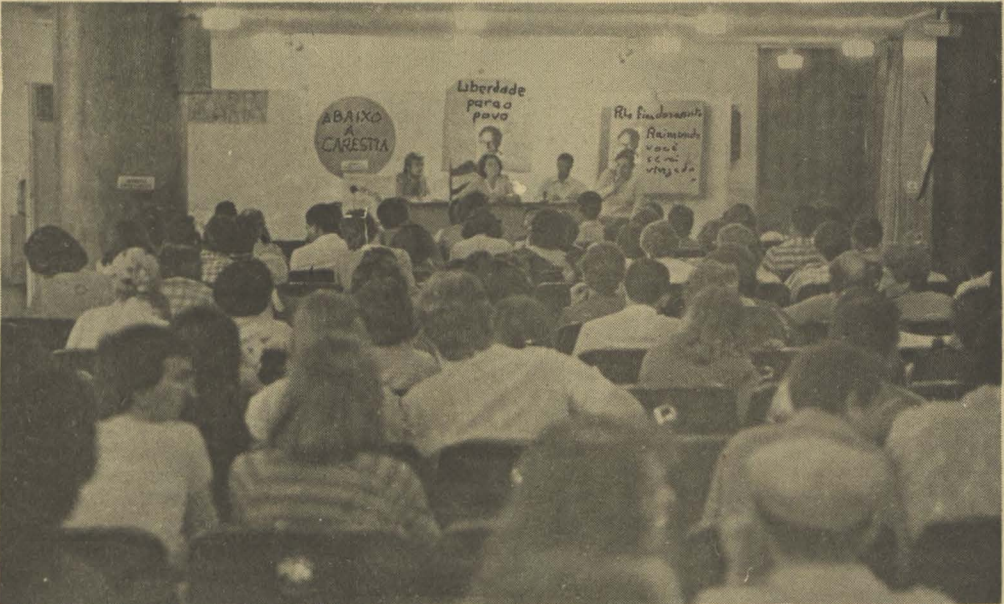
O protesto contou com a presença de mais de 200 pessoas, na sua maioria operários e donas-de-casa, além de representantes de sindicatos, associações profissionais, oposições sindicais, Sociedades Amigos de Bairros, Movimento de Favelas, Movimento de Defesa da Amazônia, Associação Brasileira de Imprensa, Comitê Brasileiro de Anistia de São Paulo, União Estadual dos Estudantes, PMDB, PT e outras entidades.

"Precisamos fazer como os companheiros do Araguaia — disse o representante da Associação Popular de

Saúde — Reagir toda vez que eles nos batem. Até agora, nós reagimos com palavras. Isso vai acabar. Vamos nos organizar e responder a cacetadas".

Um jovem metalúrgico de São Paulo, liderança na greve do ano passado, declarou por sua vez que "a melhor maneira de protestar é ampliando o movimento popular. Vamos fazer a aliança operário-camponesa, que a gente derruba até o imperialismo".

Mas a tônica do ato de protesto foi dada por Maria Saraiva, da Coordenação do Movimento Contra a Carestia de SP: "cada um que morre, é cem que se levantam. Essa ditadura fique sabendo que nós nunca vamos esquecer os nossos companheiros. Na hora em que todas as oposições se unirem, nós vamos derrubar os generais. A gente é pequena mas tem força para puxar o gatilho. Um dia esse governo vai ser do povo, viu Figueiredo, Golbery, Maluf... Companheiro Raimundo, você será vingado!"



Operários de SP solidários com posseiros em luta no Araguaia

Dia de Luta Contra a Carestia

Dia 27 de agosto será muito importante para as lutas populares. Nele, delegações de donas-de-casa, favelados, camponeses, indígenas e outras se concentrarão em Brasília, para a entrega do abaixo-assinado do Movimento Contra a Carestia, junto a grandes manifestações em outras capitais e cidades. Será o Dia Nacional de Luta Contra a Carestia.

Esse foi um dos temas discutidos na plenária do MCC de São Paulo, realizada dia 7 com a presença de representantes de 26 favelas, associações de moradores, sindicatos e outras entidades. A assembleia avaliou também a Campanha Contra os Abusos da Light,

programando uma série de manifestações diante de regionais desse órgão, para protestar contra os roubos nas contas de luz.

O encontro contou com a presença de dois índios do Alto Xingu, que denunciaram a expulsão e o extermínio de sua gente, além da destruição das florestas promovida pelas multinacionais. Um deles relatou que no Jari o desmatamento foi feito com bombas, que mataram seus pais, forçando ele e sua irmã a fugirem. "Ficamos 8 dias nadando para fugir", disse ele. "Chegamos no Rio de Janeiro e nem sabíamos falar. O grande responsável por isso é o governo e os americanos".



PM usou e abusou da força para proteger Figueiredo e Stroessner

Repressão em Goiás: o banquete dos generais

A visita a Goiânia dos generais Figueiredo e Alfredo Stroessner foi marcada por um clima de opressão e terror, com centenas de policiais e agentes de todos os órgãos de repressão colocados na rua para, como disse o deputado Iram Saraiva, "um banquete onde fosse servido o prato predileto das ditaduras, que é a violência".

Os estudantes, tendo em vista as prisões antecipadas que sempre ocorrem nas visitas de Figueiredo, impetraram um habeas corpus preventivo, como forma de denúncia e protesto. Mas isso não impediu que, no dia anterior à visita, cerca de mil estudantes fossem atacados pela Polícia Militar com bombas de gás lacrimogêneo, cacetadas e mordidas de cães, na própria Praça Universitária.

A ordem das forças repressivas era não permitir nenhuma manifestação contrária à presença dos ditadores. "A polícia", contou um estudante, "chegou ao ridículo de apagar nossas pixações, que condenavam o regime de

fome e opressão, para escrever louvores ao ditador".

Na inauguração do Parque Agropecuário, o mesmo policiamento aparatoso cercou o general Figueiredo, que entrou pelo portão dos fundos, passando despercebido no palanque oficial. Mas quando ele se dirigiu ao público, para receber uma pepita de ouro do governador Ary Valadão, surgiram as vaías, e o contingente de segurança se movimentou atropeladamente, ocorrendo algumas agressões.

No mesmo dia, os estudantes que haviam sido reprimidos distribuíram uma carta aberta à população, denunciando as arbitrariedades do regime, e fizeram comícios relâmpago nas feiras e terminais de ônibus, apesar do forte policiamento. As aulas em duas Universidades foram paralisadas em sinal de protesto, exigindo a libertação do estudante Anivaldo Braz Régis, preso durante o movimento. (da Sucursal de Goiânia)

Motoristas: uma vida de cão

"Eu levo minha família para viajar comigo, para ter um contato com ela, porque é tanto tempo de serviço que a gente fica sem se encontrar com a mulher e os filhos", disse um motorista interurbano de Minas Gerais, ao comentar as péssimas condições de vida e trabalho enfrentadas pela categoria. E para provar que sua afirmação não era exagero, mostrou seu filho, de uns 8 anos, sentado ao seu lado.

São cerca de 16 horas de trabalho por dia. Os patrões não respeitam hora extra, nem folga semanal. Nos feriados, o trabalho é dobrado, sem nenhuma compensação. Tudo isso por um salário de

fome: só agora, com o dissídio, os motoristas passaram de 7 a 11 mil por mês.

A reivindicação da categoria, porém, era de 14 mil, além de 7 mil para os fiscais, 6 mil para trocadores, passe para o trabalho, ajuda para uniforme e seguro. Na assembleia de 1º de junho, a disposição de muitos motoristas era de parar, caso não conseguissem o que queriam. No entanto, os motoristas interurbanos ainda não contam com organização e clareza suficientes para traduzir sua revolta em ação e aprovaram a proposta patronal. (da Sucursal de Belo Horizonte)

Portugal: falam os comunistas

Dois membros do Partido Comunista Português (Reconstruído) falam à Tribuna Operária sobre a experiência da crise revolucionária

José: Do nosso ponto de vista interessa realçar sobretudo o movimento de massas e operário que levou a uma transformação tão profunda na sociedade portuguesa como foi aquela que sobreveio ao 25 de abril de 1974. É preciso dizer que inicialmente o golpe de 25 de abril era uma tentativa de democratização do regime, de liberalização. A queda da ditadura assumiu a forma de golpe militar por circunstâncias particulares, como a guerra colonial, que era um problema extremamente agudo e terminou levando um setor intermediário de oficiais a depor o regime.

Mas o que se dá em Portugal no mesmo dia 25 de abril com a grande movimentação popular nas ruas é uma grande ação grevista da classe operária que se alastra a todo o país e, num primeiro momento, exige uma subida do nível de vida dos trabalhadores. Os sindicatos são tomados. Os trabalhadores organizam-se, ocupam as sedes sindicais, expulsam os elementos reacionários das direções, elegem direções provisórias. Isso foi o ponto de partida para uma grande movimentação que envolveu logo as classes trabalhadoras.

Manuel: O primeiro governo provisório cai logo em julho de 1974. Há uma crise política e paralelamente um acelerar das ações de massas, que desempenham o papel fundamental. Milhares de pessoas ajudam o Movimento das Forças Armadas a acabar com a PIDE, a polícia política do regime fascista. Uma manifestação ataca a sede da PIDE em Lisboa, local de torturas e assassinatos. Nas empresas e nos bairros populares os informadores (dedo-duros) e agentes infiltrados são perseguidos. Dá-se um saneamento geral dos elementos fascistas, que infelizmente não teve mais consequência. A classe operária começa então a desenvolver ações de outra espécie, que marcam o sinal mais revolucionário do movimento. Por exemplo: os moradores dos bairros de lata (favelas) ocupam casas vazias. Simultaneamente os soldados se recusam a embarcar para a guerra nas antigas colônias. E nas colônias começa a haver uma deposição generalizada das armas e até confrontação com os movimentos de libertação. Na prática a guerra é liquidada pelos próprios soldados.

“Em 1975 a grande movimentação revolucionária das massas rompe realmente prá frente”.

José: Houve tentativas de golpe dos setores da burguesia fascista. A 28 de setembro dá-se o primeiro. Fracassa porque as massas populares patrulham as ruas, as entradas e saídas de Lisboa, prendem os conspiradores e oficiais reacionários. A 11 de março de 1975 outro golpe, conduzido pelo general Spínola, fracassa pelas mesmas razões.

E nesse período que a grande movimentação revolucionária das massas rompe verdadeiramente para frente. A partir de fevereiro de 1975, nasce um novo fato de muita importância: a ocupação dos latifúndios do Alentejo pelos assalariados rurais, que formam cooperativas.

Quer dizer: há um golpe profundo nos latifundiários, com a reforma agrária; no capital monopolista, com as nacionalizações; em todo o capitalismo português, com a independência das colônias; no aparelho de Estado fascista, com o fim de uma série de órgãos



José Alves (à esq.) e Manoel: faltou um partido no 25 de abril

repressivos:

José: Um fator significativo foi a organização das massas populares, das massas de operários e soldados. Elas criaram de certa maneira seus embriões de poder, as comissões de trabalhadores, de moradores, de soldados e marinheiros. Um passo importante foi a coordenação dessas comissões todas. No entanto essa ação coordenada não teve a amplitude que seria necessária para uma revolução vitoriosa.

“Os revisionistas tentam conter o movimento popular nos limites favoráveis à burguesia. Atuam como freios”.

Manuel: Logo no dia 25 de abril dá-se uma formação espontânea de partidos políticos, antes mesmo de qualquer autorização. Em Portugal, nessa fase, as leis vêm ratificar as situações já criadas de fato. A medida que o movimento de massas avança há um recuo dos setores burgueses. E dentro da burguesia vão emergindo os conciliadores, principalmente ligados ao Partido Socialista e aos revisionistas do PC Português de Alvaro Cunhal. Em diversas oportunidades se pôde verificar a ação anti-revolucionária desses partidos. Eles se lançam contra a movimentação grevista de 1974-75 a dizer que aquilo iria criar problemas para estabilizar o regime democrático; contra a recusa dos soldados em embarcar; contra a ocupação de terras, inicialmente, sempre pelas mesmas razões. É evidente que o papel deles não é igual ao das forças reacionárias. Eles desempenham é o papel de travos (freios) do movimento popular, procurando contê-lo nos limites aceitáveis pela burguesia. A movimentação de 1974-75 foi mais forte do que as tentativas dessas forças para barrá-la. Daí as grandes conquistas que obteve.

José: No entanto, é importante observar as falhas dessa movimentação. O proletariado, apesar de sua combatividade enorme, atuava desorganizadamente. Não possuía um partido político dirigente, um partido comunista marxista-leninista. O campesinato pobre não foi chamado para o lado da classe operária, serviu de reserva para a burguesia atacar a movimentação operária. A pequena burguesia urbana acabou por ser também chamada para o lado da reação. Os setores operários e genuinamente populares ficaram privados

de importantes forças aliadas. E eram ainda presa de muitas ilusões, em relação ao Movimento das Forças Armadas, aos revisionistas.

Estas são as condições que propiciam o golpe de 25 de novembro de 1975. A partir de então, instaura-se um novo regime em Portugal. A primeira medida do governo é o congelamento dos salários e a subida geral dos preços. Mas esse regime dura há cinco anos e já houve cinco governos em Portugal. Isto significa que o poder da burguesia também não é tão estável quanto eles desejariam. Não podemos declarar encerrado todo o processo de movimentação popular que se iniciou em 1974. Se bem que em situação adversa, há uma resistência bastante grande, particularmente da classe operária. E nos campos do Centro e do Norte nasceu um movimento camponês democrático.

“Qualquer movimento revolucionário fracassa se não há um partido político armado com o marxismo-leninismo”.

Manuel: Parece-me que uma das coisas que a movimentação revolucionária em Portugal provou é o seguinte: qualquer movimentação revolucionária, por mais combativa que seja a classe operária, por mais generoso que seja o seu ideal, fracassa se não houver uma força política dirigente, um partido político armado com a ideologia revolucionária marxista-leninista, com uma sólida organização e uma sólida implantação na classe operária. Os inimigos estão organizados, em alerta, sempre prontos para dividir a classe operária e afastá-la dos setores aliados.

José: O PCP(R) hoje, não sendo ainda a força majoritária da classe operária, já demonstrou que é a única força capaz de desempenhar o papel de guia do proletariado. Por outro lado, o nosso Partido trata de ser a expressão da classe operária não só ideológica e politicamente mas também materialmente. A maioria dos seus membros é proletária. Na direção do Partido a composição é um pouco mais elevada: por volta de 75 a 80% de proletários, quer na direção central, quer nos órgãos intermediários. E por aí que o Partido ganha raízes suficientemente sólidas para dirigir todo o movimento, não só operário como popular, num sentido revolucionário.

A grande traição ao socialismo (III)

China: revolução truncada

A partir deste número, analisaremos o processo pelo qual a República Popular da China, após sua vitoriosa revolução de 1949, enveredou por um caminho revisionista e oportunista, num duro golpe às esperanças dos revolucionários do mundo inteiro.

A atual política chinesa tem sido alvo da justa indignação dos trabalhadores no mundo inteiro. É com grande pesar que vemos a China abrir as portas para a exploração de empresas multinacionais como a Coca-Cola ou para o modista da "alta sociedade" ocidental Pierre Cardin fazer seus lançamentos em Pequim. Ainda mais revoltante é a política externa agressiva da China que levou à invasão do Vietnã no ano passado; ela entra em aliança aberta com os interesses expansionistas norte-americanos e apóia o que há de mais retrógrado no mundo, como os regimes de Mobutu no Zaire e Pinochet no Chile. Não resta dúvida de que a China, hoje, adota uma política interna e externa nociva aos interesses da transformação e da justiça social.

Mas o que aconteceu com a revolução popular chinesa que derrotou o imperialismo em 1949? A China percorreu um caminho sinuoso de lá para cá. Para entendê-lo melhor é preciso compreender a natureza da revolução chinesa.

Ausência do operariado

A verdade nua e crua é que a classe operária chinesa não dirigiu a luta de libertação nem tomou o poder na China em 1949. A China na época da libertação era um país muito atrasado, semi-colonial e semi-feudal. 80% da população do país mais populoso do mundo eram camponeses. O número de operários da indústria moderna era cerca de 3 milhões, menos de 1% da população. Apesar de seu pequeno número, era o que havia de mais avançado

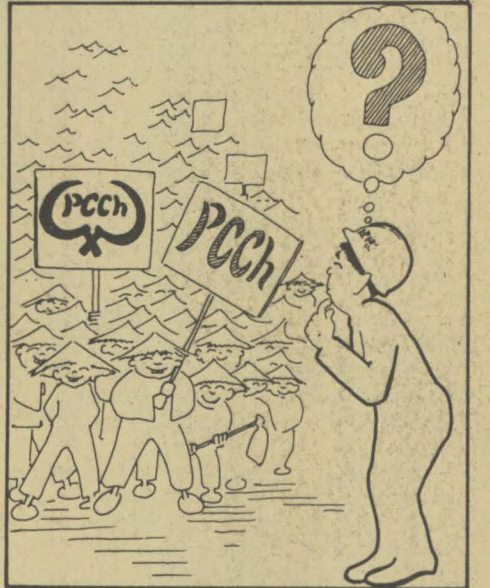
na sociedade chinesa. Nas suas relações diárias de trabalho estava a base real para a construção do socialismo.

A luta de libertação, no entanto, foi uma luta essencialmente camponesa. Ao longo dos mais de vinte anos de guerra popular, a mobilização dos trabalhadores da cidade praticamente não existiu. As cidades foram libertadas sem que se verificassem greves ou levantamentos armados das massas operárias. Assim, os operários chineses não puderam erguer no curso da luta de libertação os seus próprios órgãos de poder que servissem de base para o novo Estado chinês e garantissem o seu papel dirigente dentro deste.

“Campo cercando a cidade”

Por sua parte, o Partido Comunista da China nunca se ergueu enquanto o Partido de uma única classe, a classe operária, com uma única ideologia e uma única linha. Ainda com muitos poucos anos de existência, o Partido teve de se refugiar no campo depois da derrota da revolução nas cidades em 1927. A mudança na sua composição social foi brusca. De 66% de operários em 1926 passou para 90% de camponeses nos anos 30. As ideias e concepções do campesinato dentro do qual o PCCh era "como um peixe dentro d'água" marcaram profundamente o seu desenvolvimento.

O PC da China a partir daí praticamente abandonou o trabalho junto aos operários. Elaborando a teoria do "campo cercando a cidade" Mao Tse-tung e seu Partido não desenvolveram uma atividade revolucionária consequen-



te no seio do operariado para despertá-lo para o seu papel dirigente no processo de transformação.

Frente, não Partido

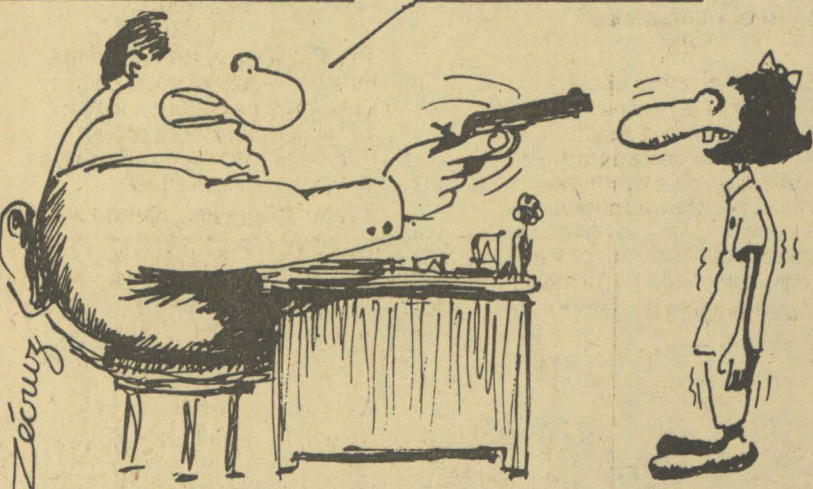
Surgem no partido diversas alas com programas e orientações inteiramente diferentes e até contraditórias. A política do PCCh era definida por compromissos, e acordos entre as suas diferentes correntes. O Partido Comunista da China na verdade se ergueu não como o destacamento de vanguarda da classe operária, mas como um Partido de frente.

Assim a revolução chinesa foi fundamentalmente uma revolução do campesinato em aliança com a pequena burguesia e a burguesia nacional. O regime de "Nova Democracia" que se instalou foi na sua essência um regime democrático revolucionário onde a classe operária não desempenhou seu papel dirigente quer como classe, quer através do seu Partido, do seu Estado ou do seu Exército. (Luís Fernandes. No próximo número, Cláudio de Almeida).

fala o POVO

Neste número, muitas mulheres trabalhadoras escreveram para "Fala o Povo", denunciando a discriminação e a opressão de que são vítimas e relatando sua resistência. As mulheres vêm ocupando o lugar que lhes cabe, ombro a ombro com seus companheiros, no combate à ditadura militar e pela liberdade. E nossa seção é uma pequena amostragem da experiência de vida e de luta de nosso povo. Contribua para que "Fala o Povo" reflita cada vez mais essa realidade viva. Escreva dando seu recado curto e grosso. (Olivia Rangel)

NÃO VAI FAZER HORAS EXTRAS?



Na Malhas Modelo mulher não tem vez

Na "Malhas Modelo", de Petrópolis, somos obrigadas a trabalhar no sábado. E quem não vem sábado por um motivo qualquer tem o domingo descontado. Mas o domingo não é incluído no pagamento. Os patrões pagam apenas 55 horas semanais e temos direito a 63 horas, se contamos o domingo.

Para não descontarem o domingo, eles inventaram o acordo segundo o qual a pessoa tem que trabalhar uma hora além do horário normal durante uma semana, da qual não vemos nem o cheiro do dinheiro.

Se for o caso de irmos pegar ficha no médico e chegarmos cinco minutos atrasadas somos descontadas nas férias. E se trabalhamos o dia todo, menos os cinco minutos.

Diretora é quem manda no colégio?

Desde o ano passado os alunos do "Colégio Estadual Prof. Eurico Figueiredo" vêm travando árduas lutas pelos direitos dos estudantes secundaristas.

A saída do diretor, capitão Sidney, do colégio, deu a impressão de que as coisas tinham se acalmado. Porém a promoção da assistente da direção, professora Hibrantina, para a diretoria em 1980 provou o contrário. Deparamos com a mesma repressão do ano passado, só que com tentativas de manobra.

Ameaças de expulsão, de chamar o DEOPS, de destituição do cargo de presidente da entidade representativa dos estudantes etc. se repetem como no ano passado. Além disso, a diretora suspendeu arbitrariamente as aulas do vice-presidente e o orador da entidade estudantil.

Somos proibidos de passar nas classes, nossos cartazes são rasgados e até professores se põe contra o movimento dentro do colégio entregando alunos e xingando-os em pleno jogo de futebol. Somos taxados de terroristas pela direção da escola.

Não recebemos a identidade escolar porque não pagamos a taxa de APM, que é facultativa. Por esse motivo, a entidade convocou uma assembleia relâmpago no dia 22 de maio. Cerca de 100 alunos lotaram uma das salas da escola para discutir o assunto. A diretora interveio histericamente, aos gritos. E afirmou: "não vou dar as carteirinhas. E se quiserem levar a questão adiante, eu arco com a responsabilidade. Aqui nesta escola quem manda sou eu".

A diretora, militante do Partido Democrático Social, PDS, afirma sua posição contra os alunos. Por outro lado, os alunos também reafirmam a posição de que lutarão pela liberdade de organização até o fim, sempre unidos, até a vitória. (Chapa dos alunos do CEPEF - Jacanã, SP)

Substituir a velha ordem, tarefa de todos

Não basta que as condições sejam favoráveis às mudanças. A questão que se coloca na ordem do dia é a substituição da velha ordem vigente no país por uma nova ordem política, econômica e social, que permita que os trabalhadores do país deixem de cumprir o papel de classe dirigida, responsável apenas pela produção de riquezas e marginalizada dos benefícios destas mesmas riquezas.

O exemplo da greve do ABC não

é apenas um fato histórico de transcendental importância. Ele mostra uma nova situação criada pelo avanço das lutas populares.

Esta nova situação é representada pelo apoio material dado por amplas camadas da população aos grevistas. Este apoio é da mais alta importância. Significa que as mais amplas camadas da população brasileira, elevando seu nível de consciência política e de solidari-

Novo sindicato em Oswaldo Cruz

Apesar das pressões dos fazendeiros, da polícia e do prefeito, os trabalhadores rurais de Oswaldo Cruz, em S. Paulo, fundaram no dia 13 de maio, após muita luta, o seu sindicato.

A iniciativa partiu dos trabalhadores de Salmourão, pequena cidade vizinha. Diante da impossibilidade de fazerem ali a sede do sindicato, eles partiram para a cidade grande, organizaram os trabalhadores, fundaram o sindicato e formaram uma diretoria provisória.

A categoria é muito grande, composta principalmente por



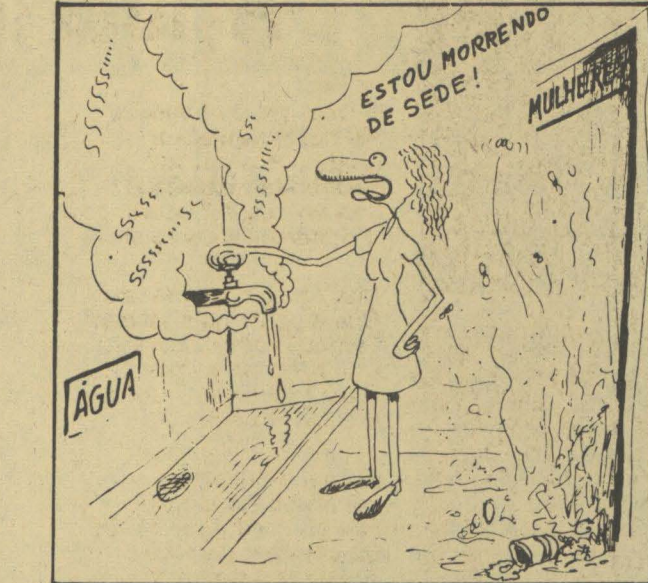
O povo é quem paga!

Queremos denunciar aqui em nossa região, como acontece no país inteiro, a invasão do grande latifúndio estrangeiro em nosso município de Rancharia, imposta pelos entreguistas. Já existem fazendas com 12 mil hectares.

Os pequenos sitiantes estão acabando e o povo já está sendo expulso do campo, jogado para as periferias das cidades. As favelas aumentam e o povo é transformado em mão-de-obra barata para esses exploradores que só pensam em si próprios e levam os lucros para o estrangeiro.

É apenas um fato histórico de transcendental importância. Ele mostra uma nova situação criada pelo avanço das lutas populares.

Esta nova situação é representada pelo apoio material dado por amplas camadas da população aos grevistas. Este apoio é da mais alta importância. Significa que as mais amplas camadas da população brasileira, elevando seu nível de consciência política e de solidari-



Operárias sem hora de lanche

Na "Cia Sayonara de Roupas" não temos horário de lanche. Só temos uma hora de almoço. Se os peões se sindicalizam são mandados embora. Esta semana faltou luz e as costureiras não puderam trabalhar. Agora os patrões querem que elas paguem o dia da falta de luz trabalhando no sábado. Descontam o INPS de nosso salário e não podemos usá-lo porque a fábrica tem convênio com uma clínica particular na qual os médicos nunca admitem que estamos doentes. E os dependentes não têm direito nenhum. O Dr. Salomão é o médico responsável da clínica.

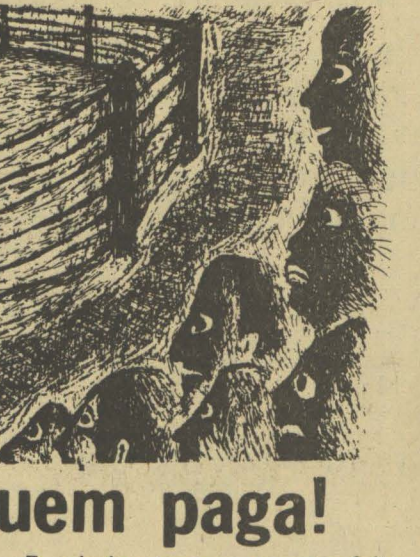
Férias coletivas: no carnaval recebemos apenas dois dias em dinheiro e não ao todo. No Natal pagaram apenas 24 dias úteis e de forma parcelada. Pagamos Cr\$ 485,64 de INPS e não temos direito a ele, nem nossos filhos.

Nós é que pagamos uniforme e somos humilhadas quando saímos pois os guardas nos revistam. Quando saímos temos que apertar um botão. Não nos foi dada nenhuma explicação do que se trata. Se por acaso este botão apitar, somos rigorosamente revistadas.

Se tivermos problemas particulares, mesmo justificados, e tivermos que perder meio dia de trabalho eles nos tomam o domingo. E se chegarmos quatro dias atrasadas num mês (mesmo atraso de 1 minuto) nos tiram o domingo.

Entramos às 7 hs e deixamos às 17:30 hs, com uma hora apenas de almoço e sem horário de lanche. (A.P.S. - Rio de Janeiro, RJ)

bóias-frias, porcenteiros e pequenos proprietários de até 10 alqueires. A ideia da organização do sindicato surgiu devido a exploração que os trabalhadores da região sofrem nas mãos dos fazendeiros. A região é de latifúndios, e só os herdeiros de Max Wirth são proprietários das terras do município de Salmourão e possuem terras até Guararapes, município distante dali 40 km. Grilagem, salários baixos, falta de assistência médica, preços baixos impostos aos porcenteiros e pequenos proprietários levaram os trabalhadores a se unirem e a lutar pelos seus direitos. (J.A. - Oswaldo Cruz, SP)



E ainda temos um prefeito autoritário e prepotente que aumenta os impostos quando quer e sacrifica o povo, que é uma humilhação. Persegue os trabalhadores que querem participar de lutas democráticas. Também os operários braços são perseguidos e ganham uma miséria na prefeitura. Há também o problema do bóia-fria, a única opção de trabalho para este povo que vive em condições sub-humanas. Somente com o socialismo a angústia e o sofrimento do povo serão sanados. (Um filho de bóia-fria de Rancharia, SP)

riedade, começam a se organizar.

A organização da unidade popular permitirá o rompimento das correntes que hoje amarram todo o povo para que ele, livre, possa construir o seu próprio destino. Substituir a velha ordem vigente pela nova ordem é, pois, a tarefa que se apresenta hoje como responsabilidade de todos os trabalhadores. (Athayde - Belo Horizonte, MG)



Castanheiras sem o mínimo

Nós, castanheiras da Cione, não ganhamos nem o salário. A gente assina como se ganhasse o mínimo, mas ganha só por produção. No fim da folha de pagamento a gente assina como se ganhasse Cr\$ 466,00. No meio da folha tem um sob-total para apurar a produção que dá sempre menos do que os Cr\$ 466,00 assinalados.

Outra coisa onde a gente é roubado é nos descontos. E quando perguntamos dizem que é para o INPS. Tem uma companheira que conseguiu uma produção de Cr\$ 700,00 e só recebeu pouco mais de Cr\$ 400,00 porque o gerente disse que mulher não pode ganhar tanto dinheiro numa semana.

Então, a gente perde no salário, é roubada na produção e no peso das castanhas. As novatas

na primeira semana não conseguem ganhar mais de Cr\$ 60,00.

Eles não pagam domingo nem feriado. Na Semana Santa nós trabalhamos até quinta-feira. Pois bem: não pagaram nem sexta nem sábado. Ali tinha um fiscal do Ministério do Trabalho que aceitou minha reclamação e mandou eles pagarem certo. Os patrões não ficaram satisfeitos com minha reclamação. Me chamaram para o escritório. Ai eu disse a eles que não tinha o costume de receber meu ordenado lá e fiquei na fila: — "O senhor tá pensando que eu tenho medo de contar o que sinto? Olhe, eu não tenho medo não. As outras não reclamam porque têm medo de perder o emprego, eu não tenho não. O senhor faça o que quiser comigo. Se quiser me botar pra fora, bote, não tem

problema. Mas eu reclamo o que estou sentindo. Embora sabendo que com minha reclamação dou motivo para minha demissão".

Além de tudo que dissemos, existem outras coisas que acabam com a saúde da gente. Como a água que bebemos: sai pegando fogo da torneira. Os banheiros são podres; remédio lá não existe, somos obrigadas a ficar trabalhando mesmo doentes, pois se acontece de adoecermos na hora do trabalho e precisarmos sair, mesmo que seja no fim do dia, a gente fica sem receber o dia de trabalho.

Uma companheira nossa morreu na porta da Cione. Ela se sentiu mal e pediu para sair. O gerente não deixou, ela discutiu com ele e, como já sofria do coração, morreu na porta da fábrica. (Um grupo de castanheiras da fábrica Cione - Fortaleza, CE)



Lema da fábrica: trabalhar, sim; reclamar nunca!

Aproveitando o direito que este jornal dá aos trabalhadores de denunciar a opressão que sofremos dos nossos patrões e do governo, vou contar algumas coisas que acontecem na "Fábrica de Papel da Bahia S/A", onde trabalho há mais de três anos.

Aqui trabalham mais de 90 pessoas. No setor de fabricação são 79, sendo que 11 são mulheres. Dos 68 homens, 3 são menores. O salário médio é de Cr\$ 18,00 por hora. A maioria dos trabalhadores é casada e com este salário é obrigada a trabalhar até 16 horas por dia. O único direito que se tem aqui é de trabalhar e não reclamar.

Quando alguém reclama do baixo salário o patrão responde: "se não está gostando vá embora". A carteira profissional só é assinada após 40 ou 60 dias de trabalho. As instalações da fábrica são péssimas, não têm sanitário nem local de trocar roupa. A fábrica não fornece vestimenta. Apesar de trabalharmos com material tóxico e nocivo à saúde, não recebemos taxa de insalubridade.

Já houve até um caso do patrão ter chamado a polícia para coagir um grupo de trabalhadores de um determinado turno a denunciar quem havia quebrado uma máquina. Houve a prisão de um companheiro nosso. E como ninguém falou nada, todo o pessoal do turno (30 pessoas) foi demitido.

Agora apareceu uma conversa de que a fábrica vai fechar. Tudo faz crer que é verdade pois o patrão, depois de ter enriquecido às nossas custas e com o apoio da SUDENE já abriu outra fábrica totalmente moderna, com máquinas compradas no Japão, segundo dizem.

Espero poder contar com o apoio deste jornal para fazer outras denúncias. Como também espero que meus colegas aqui da fábrica, através da leitura deste jornal, comecem a compreender que nós, trabalhadores, somos a maioria, não só aqui na fábrica como em todo o Brasil. E que se juntos trabalharmos, juntos temos que lutar, não só contra os patrões, mas também contra o governo que os apóia. (Um operário da Fábrica de Papel Bahia S/A - Salvador, BA)

Recado a muita gente: a greve do ABC valeu!

A nossa luta vai continuar. Se nosso movimento no ABC não foi mais vitorioso foi por culpa do governo, que mandou sua repressão policial. E é só essa força que ele tem acima de nossas cabeças e de nossas famílias.

Mas demos uma prova de que somos fortes, mostrando aos patrões e ao governo um pouco de nossa organização no dia 1º de Maio, fazendo com que eles recusassem. A greve, como toda guerra, deixou algumas feridas. Mas essas feridas vão cicatrizar. Nosso avanço é duradouro.

Aguentamos firmes e a vitória política e moral é nossa. Com essa vitória vamos buscar outras, que são nossas reivindicações de melhores condições de trabalho. De uma coisa estamos certos os poderosos: a marcha dos trabalhadores é lenta mas irreversível.

Falem mais do camponês

Espero que esta os encontre firmes na luta do dia-a-dia. Não podemos cruzar os braços diante deste regime ditatorial, principalmente porque a voz do povo já começa a gritar "liberdade, liberdade"... Esta liberdade pela qual tanto lutamos e que não sabemos quando virá, mas que um dia conquistaremos.

Quanto à Tribuna, os amigos a quem vendo acham boa, só que um pouco violenta. Eu acho que a Tribuna devia falar do pequeno

Caminharemos e daremos todos os passos necessários até conquistarmos o que de direito nos pertence.

Por isso, o saldo final de todas as lutas ganhas e perdidas, levando-se em conta que estamos dando os primeiros passos, foi positivo. Positivo porque mostrou nossas forças e nossa disposição cada vez mais forte.

Nossa unidade e nossa organização são mais fortes do que todos os seus instrumentos de repressão. Marcharemos com à certeza de conquistar novas grandes vitórias, alentados pela fé naquele que há 1980 anos nascia para nos ensinar o caminho da justiça, do amor e da paz. A luta continua mais firme do que quando começou. (O comando de mobilização dos metalúrgicos de Santo André, SP)

proprietário que também sofre pressões dos grandes latifundiários. Mas o jornal está perfeito na denúncia do governo e seus comparsas.

O jornal está gastando seis dias de Goiânia até aqui (Inacelândia). Se fosse outro jornal, como O Popular, chegaria com três dias. Mas como é a Tribuna Operária me parece que os Correios não têm pressa em fazer chegar ao destinatário. (J.M.S. - Inacelândia, GO)

Interior quer mais lugar

Com relação ao N° 13 da Tribuna Operária gostaríamos de fazer a seguinte observação: notamos que o jornal deu maior destaque à greve dos metalúrgicos de São Paulo, deixando de lado (apenas uma chamada de 1ª página) as comemorações do 1º de Maio.

Não queremos com isso diminuir a importância política da greve. Entretanto, vivemos no interior de um Estado onde a classe trabalhadora está se fortalecendo e a festa realizou-se autenticamente, apesar de enfrentar uma série de dificuldades criadas pela prefeitura e entendemos que assim como aqui, o mesmo ocorreu em vários pontos do país. Posso garantir que muitos leitores tiveram um tanto frustrados em não ver sua luta

unida à dos metalúrgicos. Outra observação que gostaríamos de fazer é com respeito à Tribuna n° 12. Devendo aquela edição comemorar os 8 anos da guerrilha do Araguaia, achamos que a matéria foi pouco explorada. O destaque devia ter sido maior e a entrevista com a guerrilha mais aprofundada.

Sem mais, reafirmamos que a Tribuna está sendo muito bem recebida em nosso município. Esperamos que o jornal continue tratando os diversos assuntos numa linguagem simples, clara, e que não se deixe envolver só com a realidade de São Paulo, esquecendo o resto do país. Que abraça as amplas lutas de massas, cuja penetração está sendo tão boa. (M.V. - Imperatriz, MA)



Os estivadores do Acre homenageiam companheiro que morreu como herói

No porto de Rio Branco, no Acre, aconteceu um acidente muito grave com um estivador num dos porões de uma balsa da firma Sociedade Fogás, quando 16 estivadores descarregavam gás liquefeito para cozinha.

Acontece que os nossos homens trabalham sem as mínimas condições de segurança. E até o momento nenhuma providência foi tomada.

O acidente aconteceu no dia 13 de maio e hoje já é dia 19. Por isso nós, estivadores, pedimos que seja divulgado através desse jornal uma nota de apoio aos estivadores de Rio Branco, que estão muito sentidos com os acontecimentos.

Acontece que na data do aci-

dente estavam trabalhando 16 homens na balsa da Fogás. E Manoel Batista de Araújo acabou saindo do porão completamente embriagado com o tóxico do gás. Cerca de 5 minutos depois, ele tomou conhecimento de que dois de seus amigos estavam também em estado de embriaguez provocado pelo gás. Num gesto de humanidade Manoel Batista desceu ao porão em socorro dos dois colegas. Conseguiu salvá-los; mas não suportando mais o ar tóxico veio a falecer minutos depois.

Será que os estivadores de Rio Branco devem trabalhar até 20 dias numa balsa com carregamento de petróleo, que é tóxico, sem terem as mínimas condições para isso? Por este motivo pedimos que se

faça uma nota de apelo através desse jornal para que as autoridades competentes considerem o 13 de maio como feriado para os estivadores. Que esse seja considerado como Dia do Estivador, pois toda a classe tem seu dia e nós não temos.

Aqui em nosso Estado trabalhamos todos os dias. E esperamos ter o seu apoio porque perdemos um amigo que trabalhava há 14 anos neste serviço. E ele se separou de nós para sempre, quando ninguém esperava e a negra sorte nos traiu, levando nosso irmão de batalha. Hoje Manoel Batista se encontra sepultado no Cemitério São João Batista, em Rio Branco. (Grupo de estivadores de Rio Branco, AC)



Lavradores maranhenses reivindicam terra para trabalhar e viver

Nós, lavradores de Jiús, não temos terra para trabalhar porque toda a terra é dominada pelo Janduy, que diz ser o dono do lugar.

Mas aqui tem morador velho, que foi o primeiro a abrir a mata e hoje não tem onde fazer roça, porque tudo foi cercado. A cerca tampou os cantos das casas.

Tem muita terra boa para trabalhar. Mas os homens só dão roça nas terras mais altas e mais ruins para plantar. Tem lagado próprio para lavoura e partes altas também boas, mas tudo isso está cheio de capim.

Esta terra também tem muito côco, mas tudo foi arrendado com uma sujeição muito pesada. Neste ano vem um projeto, uma renda muito alta, que não dá para nós pagarmos. O côco é o meio que nós, pobres, temos para fazer o pão. Somos ameaçados pelos vaqueiros, que dizem: "Não entra nenhuma pessoa dentro da solta.

Se entrar nós cortamos na bala e na pinola".

Nesta safra nós estamos sem saber o que fazer. O inverno (a chuva) faltou, quase perdemos tudo. Muito pouco nós colhemos. Tem família que nem tem para comer, porque as roças ficaram nas terras mais altas, que não seguram o arroz. E no mês de abril os latifundiários jogaram capim, que também muito prejudica a produção.

Somos pobres, mas temos coragem para fazer o pão de cada dia. Nós não podemos sair para a cidade, não temos arte nem profissão para outro serviço que não seja plantar para ver nascer, zelar e colher. Assim, só podemos viver no interior e queremos terra para trabalhar e fazer o pão para os nossos filhos. Queremos felicidade para todos que lutam pela terra e pelo pão de cada dia. (Assinam os pequenos lavradores de Jiús, terra muito boa para trabalhar - MA)

Na fábrica Randon de Guarulhos operários sofrem exploração violenta

Na Randon, filial de São Paulo, existe, como em toda firma, a exploração violenta da classe operária.

Nossa comida é das piores. Já foi encontrado até esparadrapo com sangue e um pedaço de unha dentro do arroz, o que causou vômitos em todo mundo e até a internação de uma colega nossa. Além de pagarmos caro pela refeição, temos que comer o que eles servem, sem tempero e cru.

Nossa saúde é pessimamente cuidada. Foi preciso eles trocarem o convênio, depois que morreu a filhinha de um companheiro nosso. Não temos condições de se-

gurança e somos obrigados a produzir o que os chefes querem, sem garantias, nem mesmo de descanso semanal, já que para cumprir a programação somos obrigados a fazer horas extras, por todos odiadas.

A perseguição aos trabalhadores é das mais rudes e violentas. Os patrões chegam ao ponto de proibir-nos de ir ao banheiro mais de uma vez por dia em alguns setores, como o de Assistência Técnica. Nos mandam embora por qualquer motivo. Se perdemos quinze minutos por semana, não ganhamos o domingo. Por isso muita gente perde quase metade do salário, porque mora longe.

Descontam de nosso salário o ônibus, que não serve a todos, e a roupa, quebrando o acordo feito em novembro na campanha salarial. Burlam a lei de todas as formas para prejudicar os trabalhadores.

E para lutar contra isso estamos nos unindo. Fizemos um abaixo-assinado para a matriz em Caxias, exigindo que fosse dispensado um engenheiro que nos trata como animais.

E ainda estamos nos preparando para coisas mais ousadas. Pois só lutando com muita garra é que o trabalhador conseguirá pôr fim à exploração e à violência deste governo e dos patrões. (Grupo de amigos da Tribuna na fábrica Randon - Guarulhos, SP)

A luta da Tribuna Operária

- I
Ó Deus pai de bondade
Me dai a inspiração
Ajude que o poeta
Faça outra narração
Pois vou contar para o povo
O drama do meu sertão.

II
Mas não é somente isto
Que a gente quer relatar
Tem a Tribuna Operária
Que precisamos falar.
É um jornal que o povo
Precisa valorizar.

III
É um jornal social
Prá nossa população
Fala da mata e do campo
Da cidade e do sertão
Aonde tem oprimido
Ele quer dar proteção.

IV
Ele é contra a ditadura
Dos militares atuais
Também contra a carestia
Torturas policiais
Contra grileiros malvados
Do campo e das capitais.

V
Eu já vi muitos jornais
Que dão nota do sertão
Mas só a Tribuna Operária
Faz melhor esplanção.
É um jornal que ajuda
A nossa população.
- VI
Só basta que ele nasceu
De uma necessidade
Vindo da classe operária
Gente que tem lealdade
Mas é sempre explorada
Pelo laço da maldade

VII
É um jornal popular
Precisa o povo lembrar
Tá do lado dos peões
Precisam todos comprar
É gente que sofre muito
Sem ter pra quem se queixar.

VIII
Eles sofrem nas fazendas
Igual gado no ferrão
São enrolados por "gatos"
Levados de seu torrão
É vendido em outro Estado
Sem ter direito a um tostão

IX
Por isso que é preciso
Estes a Tribuna comprar
Pois depressa os peões
Começam a observar
Que o "gato" que os vendeu
Já podem denunciar

X
Tribuna Operária ajuda
Estudantes e professores
Donas-de-casa e estiva
Garimpeiros sofrendores
Gente que vive oprimida
Pelos cães devoradores.
- XI
A Tribuna/luta muito
Por eleições diretas
Luta contra o latifúndio
Pois isto é coisa concreta
Luta por reforma agrária
Mas sendo toda completa

XII
A Tribuna quer união
Dos sindicatos atuais
Quer que as mulheres lutem
Pra ter direitos iguais
Luta por leis e direitos
Que nos favoreçam mais

XIII
Sua imprensa é em São Paulo
Sucursais em Rio de Janeiro
Brasília, Espírito Santo
Foram os pontos primeiros
Minas Gerais e Maranhão
Chegaram por derradeiros.

XIV
Porém em todo o Brasil
Este jornal já chegou
Fortaleza e Pernambuco
Se vende que é um horror
Só falta o povo oprimido
Ler, crer e dar valor.

XV
Té logo meus companheiros
Pois sem querer vou parar
Vou pedir pra todo o povo
Tribuna Operária comprar
Pois se a luta hoje é do povo
O povo tem que lutar

(João Coqueiro, Santa Luzia, MA)



Cobal não passa de farsa

Na Vila Libanesa, bairro da periferia de São Paulo, os moradores, sufocados pela carestia, sentiram a necessidade de reivindicar um caminho da COBAL para o bairro e adjacências.

Através da iniciativa da comissão do Movimento Contra a Carestia do bairro, foi feito um abaixo-assinado que, com o trabalho dos moradores, em especial das donas-de-casa, arrecadou três mil assinaturas. Uma comissão de moradores, composta de 9 elementos, levou o abaixo-assinado até a COBAL, onde recebeu somente

promessas como resposta. E que aliás não foram cumpridas.

A comissão foi lá pela segunda vez e, diante de mais promessas do diretor, disse que se necessário voltaria e da próxima vez com gente suficiente para lotar a sala.

No dia 10 de maio o caminhão chegou e o povo do bairro comemorou a vitória de sua campanha. Mas, como já era de esperar, o governo nunca cumpre o que promete e o povo já está sentindo que os preços dos produtos vendidos no caminhão estão aumentando a cada semana. Não

está valendo mais a pena sofrer na fila por mais de duas horas, correndo o risco de não encontrar mercadorias, porque estão diminuindo.

A COBAL é uma farsa para enganar os que ainda acreditam neste governo explorador do povo brasileiro e defensor das multinacionais e dos ricos fazendeiros.

Mas o povo não se ilude e denuncia a farsa. Vai exigir que se cumpra o prometido: preços baixos e mercadorias suficientes para todos. (Comissão de moradores de Vila Libanesa - São Paulo, SP)

Moradores da Penha obtém energia com abaixo-assinado

Fizemos um abaixo-assinado com 1.490 assinaturas e levamos diretamente ao prefeito, porque a vereadora Maria José não faz nada mesmo. Diz que faz, mas não faz. Ela aparece lá só para alguma inauguração.

Sim, com um abaixo-assinado nós, da ASMOPE (Associação de Moradores da Penha), conseguimos energia elétrica. Lutamos muito mas conseguimos. Os políticos podem fazer a inauguração deles, que nós vamos fazer a nossa.

Político nenhum vai contar vantagem em cima de nós. Sabemos que nossa força é a união. E que a terra deve ser para quem mora e trabalha nela.

"Nosso trabalho é perfeito e por todos foi apoiado. Não foi político nenhum que deu esse resultado. Consequimos na Prefeitura, Levando abaixo-assinado!"

O povo lutou, o povo conseguiu. Na luta do povo, o povo se uniu. (H.M. - Fortaleza, CE)



FUNAI contra índio

A importância que a grande imprensa dá às notícias sobre os índios é tão pequena que chega a imprimir umas trinta linhas num canto de jornal, como se isso não fosse notícia e sim a piada do dia.

Afinal, por que não fazer uma reportagem-pesquisa completa para mostrar que a situação do índio é uma das piores possíveis?

A situação dos índios é pior do que a dos indigentes das grandes cidades. As vezes, para mostrar que fazem alguma coisa, os que estão nos cômodos cargos (dos órgãos de "proteção" aos índios) dão uma de "bonzinhos" e tiram o índio de suas terras, levando-o para lugares distantes, pouco se importando se ele vai se adaptar ou não ao novo ambiente. O índio adocece, fica sem condições de sobreviver. Não sei se os responsáveis têm sensibilidade ou algo parecido, mas deveriam pelo menos saber que o índio é gente, e que é sensível a tudo que o rodeia.

Agora, o homem branco chega,

tira-o de seu habitat, estipula para ele condições de vida antinaturais e impõe-lhe seus usos e costumes. O índio assim se "integra" na civilização branca, se torna escravo do sistema, fica marginalizado.

Onde está a consciência dos que comandam a FUNAI? A FUNAI limita o terreno do índio visando mantê-lo sob seus olhos, mas esquece que o índio é naturalmente andarilho, onde existe melhor caça e pesca ele vai.

O índio além de estar confinado a uma terra limitada pelo egoísmo dos brancos, tem que lutar contra fazendeiros que estão sempre se apoderando ilegalmente de suas terras, sem que qualquer providência seja tomada. Apesar de meu protesto ser um leve murmúrio ante o rugido desta multidão alheia ao problema, vou continuar acreditando sempre pois sendo neta de uma índia machai (tribo em extinção) tenho a paciência sublime que caracteriza a personalidade do índio. (Luzia - Belo Horizonte, MG)

Raimundo está vivo!

É preciso dizer alto e bom som: Raimundo Ferreira está vivo. A violência que navega solta sob as águas do Araguaia desnuda os poderosos desesperados e reforça a esperança do povo. Teu sangue, Raimundo é como adubo e enriquece o plantio dos dias que virão. A tristeza que nos toma de assalto neste momento não é maior que a revolta e a disposição de lutar. E preciso dizer aos quatro ventos com a serenidade e alegria de teu sorriso (mesmo que o tenhamos de aprender por uma foto de jornal no canto da sala): Raimundo, tua morte será vingada! Os que hoje estão no poder dele um dia cairão. Só lhes resta a variável tempo. Este certamente será curto, porque longe já foi demais. E então a força que nasce nos campos e nas cidades varrerá para sempre este pesadelo de dezesseis noites, construindo um novo Brasil. Tua morte será vingada, "como a volta do cipó de arueira no lombo de quem mandou dar". Viva a oposição sindical de Conceição do Araguaia! Viva a luta do povo brasileiro!

(M.S. - Juiz de Fora, MG)

Diretor fascista persegue alunos

No curso de Psicologia da Faculdade de Humanidade Pedro II existe um problema de fácil solução, complicado pela intransigência e atitude fascista de uma diretoria omissa e reacionária.

Uma turma de psicologia de 35 alunos que precisa trabalhar para pagar seus estudos reivindicou passar da tarde para noite. O pedido foi negado pelo sr. Wam-dick de Nóbrega. Diante desta negativa, a turma se transferiu para a noite por conta própria.

Outro absurdo: no segundo dia de transferência, todos os cartazes de apoio à turma foram tirados e o corredor onde o pessoal se reunia foi fechado.

Diante disso, peço não só a todos os universitários mas a todo o povo uma luta contra as estruturas fascistas e arcaicas existentes no mundo universitário, como na FAHUPE. (M.N.S. - Rio de Janeiro, RJ)

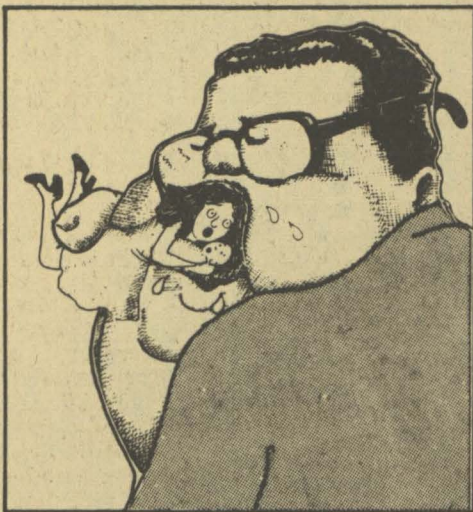
94,7%. E agora Delfim?

Aí estão os frutos econômicos da ditadura militar. A pior epidemia inflacionária de toda a história do Brasil. Ameaça de recessão a curto prazo. FMI quer usar dívida externa para pôr o país de joelhos. Governo Figueiredo não sabe nem quer resolver impasse na economia. Povo não aceita que descarreguem o peso da crise sobre o seu lombo.

Inflação dobrou

Foi de 94,7% a taxa oficial de inflação nos 12 meses entre maio de 1979 e maio de 1980. O aumento de maio — 6,4% — foi o maior aumento mensal deste ano, devido ao encarecimento do leite, açúcar e álcool, cigarros, gasolina e outros derivados de petróleo.

Ficou assim oficialmente reconhecida, pela Fundação Getúlio Vargas, a maior



inflação que o Brasil já suportou. A taxa que chegou mais perto desta foi a de julho de 1964: 94,2%.

E não é só isso. É preciso levar em conta as falsificações estatísticas, que são a marca registrada do ministro Delfim Netto. E se contarmos também os aumentos que estão acontecendo este mês, atingindo a carne e outros produtos, podemos dizer sem medo de errar: a inflação já vai a mais de 100%, ou seja, os preços mais do que dobraram de junho passado pra cá.

A culpa é do governo

O povo se pergunta, com toda razão, quem é o culpado por essa situação catastrófica. E a grande maioria tem a resposta na ponta da língua: o culpado é o governo!

Não que o governo esteja diretamente interessado nos aumentos. Ele tem pelo menos dois bons motivos para inquietar-se com uma inflação de 100%: primeiro, ela cria o perigo de um curto-circuito de todo o modelo econômico, espanta os banqueiros e investidores estrangeiros; e segundo, ela empurra o povo para uma explosão revolucionária, o que os donos do poder não desejam por nada neste mundo.

Acontece, porém, que o governo defende uma estrutura econômica inflacionária por natureza, apadrinha os tubarões capitalistas na hora de fixar os preços, descarrega o peso da crise sempre no lombo dos trabalhadores. E por isso é absolutamente incompetente para conter de fato a carestia galopante. E o que a prática mostrou.

As lorotas de Delfim

O ministro Antônio Delfim Netto é a encarnação dessa política, defendida por toda a equipe do general Figueiredo. Delfim subiu do Ministério da Agricultura para o Planejamento em agosto do ano passado prometendo fazer

frente à inflação. Logo em setembro os preços dispararam e ele colocou a culpa no ministro anterior, Mário Simonsen, dizendo que em 1980 as coisas estariam sob controle. No ano novo, Delfim prometeu que a inflação não passaria dos 45%. E agora, que os fatos desmentiram mais uma vez suas palavras, diz que está havendo uma "inflação corre-

tiva", mas que de agosto em diante a situação vai melhorar.

E evidente a má fé dessas lorotas. O ministro sabe melhor do que ninguém que não há paradeiro à vista para a disparada dos preços. Mas, pelo menos, já não engana ninguém. Não há brasileiro com a cabeça no lugar que acredite no que Delfim Netto diz.

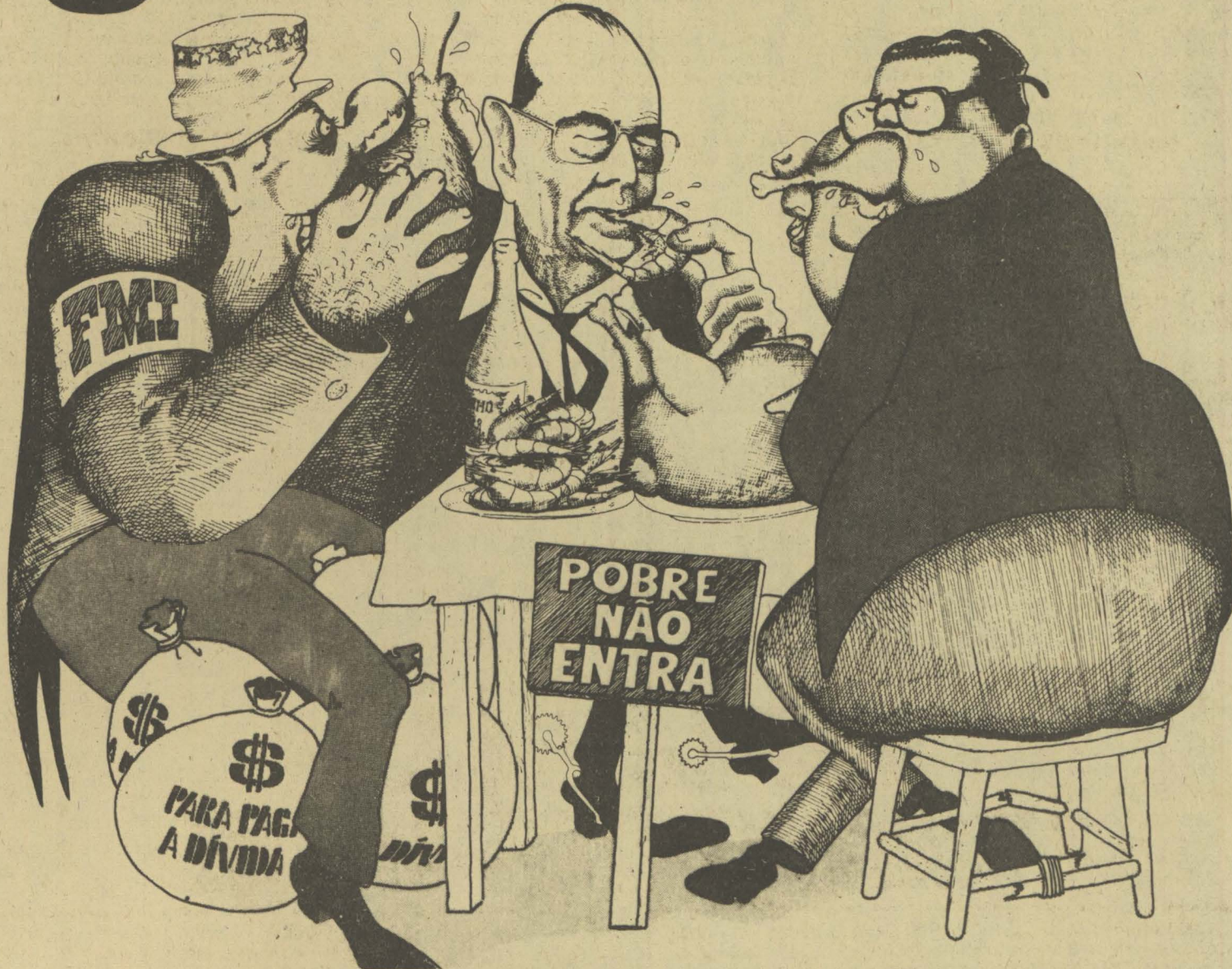
Não há meio termo

O fato é que o Brasil entrou num redemoinho inflacionário do tipo que vitimou recentemente o Chile e a Argentina. O governo fala que pretende dar um jeito na situação sem paralisar o crescimento da economia, mas não diz nem mostra como. E o que a experiência demonstra é que em casos assim não há meio termo: só existem basicamente duas saídas possíveis para a super-inflação.

Uma foi usada no Chile e na Argentina, e é a recomendada pelo FMI (ver artigo ao lado): significa resolver o problema às custas do povo trabalhador. A outra saída é a defendida pelas forças progressistas da sociedade brasileira: congelamento dos preços, salários dignos, reforma agrária. Significa combater a inflação às custas das multinacionais, dos monopólios e dos latifundiários e implica necessariamente em mudanças radicais, não só econômico-sociais mas em primeiro lugar nas forças que detêm o poder político.

Em 64 o governo caiu

Os acontecimentos ainda não permitem dizer qual será o resultado dessa disparada inflacionária. Uma coisa porém é certa: não é possível conviver com uma inflação em torno da casa dos 100%. A última vez que o Brasil chegou perto disso, o governo caiu em questão de meses. Mas ficou provado nos 16 anos seguintes que os militares não resolveram o problema.



FMI quer meter a mão

A situação da dívida externa brasileira é a seguinte: o país deve 56 bilhões de dólares aos banqueiros internacionais (em 1964 eram 3 bilhões). Vai ter de pagar por ela, este ano, 15 bilhões de dólares. Isto dá, no câmbio atual, uns 6 mil cruzeiros por habitante.

Alguém pode fazer as contas e pensar que, apesar do sacrifício, pelo menos diminuiríamos a dívida, de 56 para 41 bilhões. Acontece que essa dívida já foi paga várias vezes e mesmo assim cresce sem parar. Dos 15 bilhões que pagaremos este ano, 6 bilhões e 700 milhões de dólares serão somente para cobrir os juros. Como além disso o Brasil vai importar 11 bilhões de dólares de petróleo, mais as remessas de lucros das multinacionais, os royalties, etc., etc., ficaremos no final com um buraco de uns 18 bilhões de dólares (900 bilhões de cruzeiros) nas contas com o exterior. Ou seja: a dívida vai aumentar.

Conselho de inimigo

Os banqueiros, principalmente americanos, que emprestaram esse dinheiro querem ter a garantia de que ele voltará, com juros e tudo. Por isso, sentem-se no direito de meter o nariz nos assuntos internos brasileiros.

Quando Delfim Netto esteve nos Estados Unidos, em fevereiro, os credores do Brasil já tinham "aconselhado" reservadamente o governo Figueiredo a pedir a "ajuda" do FMI, o Fundo Monetário Internacional. Nos últimos dias repetiram os "conselhos", desta vez abertamente, pela imprensa. O jornal "Washington Post" chegou a falar, referindo-se ao Brasil, Argentina e México: "Coisa da

qual ninguém quer falar é a possibilidade de colapso financeiro de um dos bancos internacionais, pois o efeito poderia transformar uma recessão global numa depressão global".

O FMI é uma espécie de superbanco internacional, formado por cotas de dezenas de países, mas inteiramente dominado pelo capital americano. Funciona como um fiador nos negócios financeiros entre países, abrindo ou fechando a torneira dos dólares.

Mas o FMI cobra por isso, e muito caro. As vezes chega até a indicar nomes de sua confiança para ocuparem ministérios no país "ajudado". Só dá seu aval a quem se submete à sua política: arrocho salarial completo, "verdade dos preços", cortes drásticos nos gastos públicos, restrições ao crédito

provocando recessão, falências e desemprego. No Peru, que foi vítima da "ajuda" do FMI, a situação do povo chegou a tal ponto que em três anos houve quatro greves gerais. E esse tratamento que os banqueiros querem aplicar no Brasil.

Governo não merece fé

Funcionários do governo brasileiro responderam às pressões dos Estados Unidos com uma declaração em tom de protesto. Mas em seguida confirmavam que este governo não merece nenhum crédito em matéria de defesa dos interesses nacionais. "A partir de 1964 — disseram — o governo brasileiro não tem procurado criar quaisquer obstáculos às empresas multinacionais".

Basta isso para se ver que este regime, que vende o Brasil há 16 anos e fez a dívida chegar onde chegou, terminará capitulando mais uma vez diante dos banqueiros imperialistas.

Pagar ou não pagar

No fundo, a questão que se coloca, agora dramatizada pela crise econômica no Brasil e no mundo capitalista, pode ser resumida assim: ou bem o Brasil aceita as regras do jogo fixadas pelos banqueiros, continua pagando a dívida e para isso vai ter que se agachar cada vez mais diante dos credores; ou bem o Brasil se rebela contra essas regras escravizantes, cancela o pagamento da dívida e dá, desta vez para valer, seu grito de independência. Mas para isto terao de ser outras as classes no poder.



Desemprego: 30%

Pior do que uma inflação de 100%, só mesmo quando ela se entrelaça com a recessão, a queda da atividade econômica. Então, o desemprego se junta com a carestia para levar a fome à família do trabalhador. E este o perigo que ameaça muito concretamente o povo brasileiro.

Para começar, vale dizer que o desemprego é problema crônico e muito grave no Brasil. Segundo os dados do DIEESE, 40% da mão-de-obra não para nem um ano em cada emprego. Juntando-se o desemprego aberto com o subemprego, encoberto, constata-se que mais de 30% dos trabalhadores não conseguem ocupação. Esta taxa vai de 19% em S. Paulo e 24% no Rio de Janeiro a 32% no Sul, 41% em Minas e Espírito Santo, 43% no Norte, até 56% no Nordeste.

Tragédia social

Estes números deverão subir dramaticamente nos próximos meses, com a recessão que se anuncia. Os investimentos tiveram uma queda real de 21,3% durante o ano passado. No Nordeste, a queda da produção já é um fato: foi de 2,5% nos últimos 12 meses. "A recessão é inevitável", disse o próprio diretor do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, Julian Chacel.

Recessão, ou seja, produção menor, quer dizer menos gente empregada. É isto quando 4 mil brasileiros ingressam todos os dias no mercado de trabalho. E mais ainda quando a seca, ajudada pelo latifúndio, expulsa levadas inteiras de sertanejos nordestinos para as cidades do litoral e do Sul.

Tempo de vacas magras

Mesmo para quem consegue se manter no emprego, a crise é sinônimo de maiores padecimentos. A existência de uma grande massa de desempregados força os salários para baixo, como já acontece desde hoje.

O fato é que a economia brasileira, antes tida por "milagrosa", entrou no tempo das vacas magras. E se no tempo das vacas gordas (para os patrões) o povo já sofria o que sofreu, pode-se imaginar agora como vai ser. Naquela época, o ditador Garrastazu Médici dizia com cinismo: "A economia vai bem,



mas o povo vai mal". Pois agora que a economia vai mal, onde irá parar o povo?

O maior dos medos

Naturalmente os patrões se inquietam com a crise. Só os grandes monopólios, principalmente as multinacionais, têm alguma coisa a ganhar, devorando os peixes menores. Mas o medo maior da classe capitalista é outro: é a carga de material inflamável e explosivo que se acumula, no campo e nas cidades.

Isso aparece por exemplo no esforço do governo para conter as levadas de retirantes da seca. Não é por caridade que ele age assim. É para impedir um aumento insuportável das tensões sociais nos centros urbanos, onde a classe operária já despertou. Pelo mesmo motivo, as figuras mais expressivas da oposição liberal moderada, que não têm nada de revolucionárias, passaram a advertir o governo do perigo de uma revolução. Primeiro foi o senador Tancredo Neves, mais recentemente o senador Franco Montoro e o deputado Ulisses Guimarães.

Não que a crise leve necessariamente à revolução. Em si, ela significa apenas maiores sofrimentos para os operários e o povo trabalhador. Mas se os liberais andam falando tanto no "perigo revolucionário" é que têm bons motivos para isso.

NOVIDADES DE UMA ANTIGA PRAGA

As crises são tão velhas como o capitalismo mas a que está em curso é a pior e a mais destruidora.

As crises econômicas acompanham o capitalismo desde o berço e não o largaram até a sepultura. Elas estão no sangue desse sistema, onde o crescimento da economia é inseparável da pobreza para a maioria. Em determinados momentos, surge a *superprodução*: há produtos "demais" — não porque os trabalhadores não passem necessidade, mas porque não têm dinheiro para comprar tudo que se produz.

Acontece então a crise: os estoques se acumulam, a produção diminui, o desemprego aumenta, empresas vão à falência, máquinas e artigos são destruídos em massa. Até que a economia, sangrada por essa destruição, começa a se recuperar. Vem então uma nova fase de crescimento, seguida de um novo auge, uma nova crise, uma nova depressão e assim por diante.

Os profetas falharam

Esse ciclo das crises tem um ritmo bem definido e até uma duração mais ou menos constante: de 10 a 12 anos. Mas o efeito destruidor das crises varia. A de 1929/33, por exemplo, entrou na história pelos sofrimentos que impôs. Além disso, ela não desembocou numa recuperação, mas numa fase de paradeiro da economia, que emergiu com a II Guerra Mundial (uma forma particular de crise econômica). Somente na década de 50 o mundo capitalista voltou ao nível de produção de 1929.

Depois disso os economistas burgueses tiveram de reformular suas teorias. A crença de que o capitalismo é

capaz de regular-se por si mesma ficou reduzida a cacos. Entrou na moda a doutrina do economista inglês Lord Keynes, que, no fundo, reconhece o caráter anárquico do capitalismo e procura regular até certo ponto a anarquia, através da ação do Estado.

Depois da adoção dessas teses e sobretudo da destruição causada pela II Guerra, o mundo passou por um quarto de século de crises mais amenas, mais fáceis de controlar. E logo apareceu gente para profetizar o dia em que o capitalismo se livraria dessa doença.

Nos anos 70, porém, a crise voltou, ainda pior, mais destruidora, extensa e renitente que a de 29. E com características novas.

A "estagnação"

As crises clássicas eram acompanhadas de uma queda dos preços. Como havia produtos demais no mercado, a concorrência levava a um barateamento geral. Desta vez não. A produção caiu em 1975, depois estagnou, mas os preços subiram sempre. Surgiu a chamada "estagnação" (estagnação da economia, mais inflação). Este ano, a produção volta a diminuir e os preços aumentam como nunca. Os Estados Unidos, por exemplo, entraram em recessão, mesmo com a maior taxa inflacionária da sua história. O Brasil corre o mesmo risco.

As causas disso são muitas. A primeira, pela latíssima concentração da propriedade nas mãos de umas poucas empresas, capazes de impor preços de monopólio, que se entortam para cima,

nunca para baixo. E indo até o recorde de gastos militares (400 bilhões de dólares por ano, mais que no auge da II Guerra), cobertos por emissões de papel-moeda que alimentam a inflação.

Fenômeno mundial

No passado, os países capitalistas desenvolvidos eram as grandes vítimas das crises. Os subdesenvolvidos podiam até tirar proveito dos problemas de seus concorrentes mais poderosos, como aconteceu, por exemplo, com o Brasil em 1929.

Hoje porém a economia mundial capitalista está muito mais interligada, por mil laços comerciais e financeiros. E a crise atinge o sistema todo, levando de emburrada países desenvolvidos e subdesenvolvidos, do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste, numa verdadeira epidemia.

Não é só econômico

Desta vez, mais do que em qualquer outra, o fator econômico aparece ligado com outros. A crise é econômica, mas é também energética, social, é política e militar, ideológica e cultural. Abala todo o edifício do capitalismo, desde os alicerces até a cumeeira. Talvez este seja o seu traço mais importante.

É sob esse ponto de vista que se pode compreender melhor a onda de greves e manifestações, trocas de governos, guerras, guerrilhas e insurreições que varre todo o planeta. São os sintomas agudos da crise do sistema capitalista mundial. São as dores do parto de um mundo novo socialista, pertencente aos trabalhadores e livre da praga das crises.